

Universidade Federal Fluminense
IACS- Instituto de Arte e Comunicação Social
Curso de Comunicação Social- Jornalismo

LUIZA GOULD DE SOUZA

**A SOBREVIVÊNCIA DA GRANDE REPORTAGEM:
O CENÁRIO CONTEMPORÂNEO E AS CONTRIBUIÇÕES DA
PLATAFORMA *ONLINE***

Niterói
2014

Universidade Federal Fluminense
IACS- Instituto de Arte e Comunicação Social
Curso de Comunicação Social- Jornalismo

LUIZA GOULD DE SOUZA

A SOBREVIVÊNCIA DA GRANDE REPORTAGEM:
O CENÁRIO CONTEMPORÂNEO E AS CONTRIBUIÇÕES DA
PLATAFORMA *ONLINE*

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para a
obtenção do grau Bacharel em
Comunicação Social-Jornalismo.

ORIENTADOR: Profa. Dra. Sylvia Debossan Moretzsohn

Niterói
2014

LUIZA GOULD DE SOUZA

A SOBREVIVÊNCIA DA GRANDE REPORTAGEM:
O CENÁRIO CONTEMPORÂNEO E AS CONTRIBUIÇÕES DA
PLATAFORMA *ONLINE*

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para a
obtenção do grau Bacharel em
Comunicação Social-Jornalismo.

Aprovada em ____ de _____ de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Sylvia Debossan Moretzsohn (orientador)
UFF – Universidade Federal Fluminense

Profa. Carla Baiense Felix
UFF – Universidade Federal Fluminense

Profa. Larissa de Moraes Ribeiro Mendes
UFF – Universidade Federal Fluminense

Profa. Ana Baumworcel
UFF – Universidade Federal Fluminense

AGRADECIMENTOS

A Deus por me guiar em cada etapa deste trajeto inicial no jornalismo

Aos meus pais, Nilton e Cecilia, minha família e meus amigos pelo apoio durante este período. Ao meu tio Nelson pelas caronas durante a entrega da monografia. À minha avó Ruth pelas orações

Ao Gabriel pelo companheirismo, torcida, ajuda e força de sempre

À Sylvia Moretzsohn pela orientação, apresentando pontos de vista enriquecedores para o tema e sugestões de melhoramento

Às professoras Carla Baiense e Larissa Moraes por aceitarem fazer parte de minha banca e darem sugestões para o tema ainda no pré-projeto

À professora Ana Baum por ter me dado a honra de pedir para participar de minha avaliação

À Thais Carreiro pelos conselhos

A todos que acreditaram em mim, em minha capacidade e que ao longo dos anos contribuíram para que eu alimentasse meu amor por contar histórias

*O jornalismo é uma paixão insaciável
que só pode ser digerida e humanizada
por seu confronto descarnado com a
realidade (Gabriel García Márquez,
1996)*

RESUMO

Este estudo tem como objetivo entender de que forma a grande reportagem sobrevive no contexto de aceleração do jornalismo, contraditório com a necessidade de tempo de apuração que esta pressupõe. Tendo em vista o “tempo real” da internet, a pesquisa discutirá as várias características e potencialidades da plataforma *online* que a fazem também abrigar a grande reportagem, fornecendo-lhe outras alternativas de aprofundamento.

Palavras-chave: grande reportagem, profundidade, web.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
2. A grande reportagem: conceituação e panorama.....	9
2.1 Definições do gênero.....	9
2.2 Apuração e texto: reportagem investigativa e “novo jornalismo”.....	10
2.3 O caso brasileiro.....	14
3. Plataforma <i>online</i> e velocidade.....	19
3.1 Tempo, urgência, imediatismo: as consequências do ritmo veloz.....	19
3.2 O jornalismo em transição: dos suportes tradicionais à era da internet.....	21
3.3 Características do jornalismo na web e o espaço para a grande reportagem.....	24
4. Análise de exemplos.....	30
4.1 Travessia. Ponte Rio-Niterói, 40 anos.....	31
4.2 O Golpe e a Ditadura Militar.....	38
4.3 HQ Meninas em Jogo.....	51
I- A linguagem dos quadrinhos.....	52
II- Análise da reportagem.....	54
4.4 Brasil de Bombachas.....	61
4.5 O Nascimento de Joicy.....	71
Considerações finais.....	78
Referências bibliográficas.....	81

Introdução

Ela é a imersão do repórter, a menina dos olhos dos jornais, a riqueza de detalhes que prende a atenção do público. Ela representa o esmero da apuração, a entrega ao tema e uma forma de realização profissional. Constituinte do “gênero estrela” do jornalismo, nas palavras de Gabriel García Márquez (1999), a grande reportagem é sinônimo de aprofundamento. Fornece ao leitor um quadro mais amplo e complexo de determinada realidade, seja a partir de uma viagem de 300 quilômetros atravessando a pé a floresta Amazônica durante 40 dias para resgatar uma tribo, como fez Carlos Azevedo, seja colocando os pés na lama para acompanhar o cotidiano dos caçadores de caranguejo, com Audálio Dantas, ou ainda investigando durante dois meses a distribuição irregular de concessões de televisão como barganha política durante o governo Fernando Henrique, como é o caso de Elvira Lobato.

Por essas características a grande reportagem necessita de tempo, o que vai na contramão da urgência que sempre marcou a produção do noticiário e agora se radicaliza na era da internet. A questão central, portanto, para os objetivos desta pesquisa, é descobrir como a grande reportagem sobrevive nesse contexto, principalmente no que tange à plataforma *online*, já que o interessante é perceber que exemplos de boas reportagens começam a se disseminar na web, o que a princípio poderia parecer contraditório.

A chegada do gênero nessa plataforma, no entanto, poderia, por outro lado, já ser esperada se pensarmos que a grande reportagem se desenvolveu em todos os suportes depois do impresso, incluindo o rádio e a televisão, apesar de as linguagens e o ritmo em cada meio serem diferentes. Por que então não ocorreria o mesmo na internet? Isso aconteceria apenas se as características do suporte fossem restritivas a ponto de impor o imediatismo de todas as formas, mas a hipótese que levantamos é a de que certos recursos da web, se bem explorados, possibilitam uma outra forma de aprofundamento, o que tentará ser avaliado a partir de exemplos.

O presente trabalho se estrutura em três partes. Na primeira delas, é feita uma imersão no tema buscando entender o que é a grande reportagem, para, a partir desta resposta, analisarmos a constituição do gênero hoje. Assim, *A grande reportagem: conceituação e panorama* traz inicialmente as principais características da reportagem. Em seguida, ao tratar das formas de apuração e do texto são trabalhados dois caminhos que se cruzam com o do gênero: o jornalismo investigativo e o “novo jornalismo”. O capítulo contém ainda uma volta ao passado da grande reportagem no Brasil até a situação atual, com a mudança do perfil

predominante de reportagem e as dificuldades trazidas pelo fato de o gênero exigir investimento e tempo.

A internet é o tema do capítulo seguinte. *Plataforma online e velocidade* visa discutir o ritmo acelerado e a corrida contra o relógio que norteia as redações, especialmente com a emergência do “tempo real” da web. O capítulo traz ainda, de forma breve, a controversa relação entre o jornalismo impresso e o *online*, que tem levado alguns a acreditarem no fim do primeiro, e reúne as características da web na tentativa de buscar entender o espaço para a grande reportagem nesse meio.

Finalmente, chega-se então à análise. O quarto capítulo reúne cinco exemplos de reportagens de variados veículos que compõe o objeto deste trabalho. Publicadas nos anos de 2011 e 2014, essas reportagens serão examinadas em seus conteúdos e estruturas. Também serão apresentados trechos de entrevistas feitas com três repórteres cujas reportagens foram abrigadas tanto na internet quanto no impresso, para melhor fundamentar as comparações estabelecidas. Além disso, os atributos da plataforma *online*, pontuados anteriormente, serão resgatados aqui para se compreender de que forma e até que ponto, na prática, eles podem ser explorados. O critério de escolha das reportagens passa pela contribuição que elas poderiam dar, através de acertos e erros, para o melhor entendimento dos valores agregados ao gênero a partir das promessas de um meio tão utilizado pelos leitores.

Ao final esperamos responder também outras perguntas relacionadas ao tema, tais como: Quais características se mantêm em relação ao impresso e como a grande reportagem se estrutura nos dois meios? De que forma os recursos da internet alteram e/ou ampliam o alcance da reportagem? Até que ponto eles são utilizados? Respondendo a estas questões buscaremos traçar um panorama da grande reportagem nos dias de hoje, sem, contudo, esquecer do passado. A importância dessa atitude, e, portanto, a relevância dessa pesquisa, é ajudar, a partir das discussões, na construção de conhecimento sobre o tema já que a bibliografia da área é mais voltada para o livro-reportagem ou para a presença da reportagem profunda em veículos especializados, como determinadas revistas.

Capítulo 2- A grande reportagem: conceituação e panorama

2.1 Definições do gênero

Falar da grande reportagem exige um recuo à Antiguidade. O que foram os relatos de Heródoto, por exemplo, sobre a invasão da Grécia pelos persas, ou de Tucídides, na Guerra do Peloponeso? O que foi, na Idade Média, *A descrição do mundo*, em que Marco Polo narra suas viagens à Ásia e traça a “rota da seda”? Ou o relato de viajantes e aventureiros que chegavam ao “novo mundo” descoberto com as grandes navegações a partir de fins do século XV?

Autores como Ana Beatriz Magno (2006) e Marcos Faerman (in DANTAS, 2004) vão buscar essas origens mais remotas da reportagem, que influenciam até hoje, mesmo sem referências explícitas, o trabalho de jornalistas empenhados em contar uma história. Esse empenho faz Magno (2006, pp. 21, 22), por exemplo, entender a reportagem como “o mergulho”, a submersão que permite explicar os fatos e ir além deles, fazendo o repórter carecer por isso de tempo para apuração. A reportagem seria, portanto,

(...) a melhor versão, a mais completa, a que vai muito além de ontem. O ontem é tempo da notícia. Reportagem pode passar por vários tempos, é lenta na investigação e longa na escrita. Exige olhos de surpresa durante apuração e esmero na escritura. Enche de lama a alma do repórter e carrega o leitor para outras terras, (...) retrata o real com tantas vozes e cenas que assanha a imaginação e a reflexão de quem lê. (MAGNO, 2006, p. 15)

Igor Fuser, por sua vez, ao explicar a seleção dos trabalhos que compõem seu livro *A arte da reportagem*, traz uma definição que tem como foco o outro lado da moeda, o dos personagens, que seriam as pessoas não pautadas pelo jornalismo diário:

Nesta seleção, usei como base a ideia da reportagem como gênero jornalístico que, dentre todos, mais dá espaço aos oprimidos. Uma entrevista do tipo pingue-pongue privilegia, quase sempre, as celebridades, os poderosos, os nomes consagrados. A reportagem, embora contemple os grandalhões, é, por excelência, o lugar dos humildes, dos anônimos, dos que só aparecem no jornal uma vez na vida. (FUSER, 1996)

Claudio Abramo (1988, p.113), no entanto, prefere não fornecer muitas classificações. Jornalista que esteve à frente das reformas de *O Estado de S. Paulo* e da *Folha de S. Paulo*, ele considera impossível uma definição objetiva do que seria a reportagem, assim como contesta a ideia de fórmulas que a determinem, e aborda também, segundo esse caminho crítico, o modelo de lead norte-americano que se instituiu no Brasil. Ele contesta um jornalismo de fórmulas por considerar que não há um modelo a ser seguido, e que cada jornalista deve ter a liberdade de retratar o que apurou da maneira mais coerente com o

contexto. Esse fator não significaria, no entanto, que as reportagens não teriam pontos em comum, o que faz o jornalista citar “um agudo senso de observação do repórter e a presença de referenciais universais, a fim de evitar que o alto ou o baixo digam que o entrevistado é baixo ou alto.”

José Hamilton Ribeiro (in DANTAS, 2005, p. 115) segue a linha de Abramo e ironiza fórmulas para a reportagem, ao estabelecer uma própria: “Grande reportagem (GR) é igual a Bom Começo (BC) mais um Bom final (BF), em cima de Trabalho (T) vezes talento (T’), elevados à enésima potência”. Conhecido por ter sido correspondente na guerra do Vietnã, onde perdeu uma perna, José Hamilton não deixa de falar, no entanto, do esforço empenhado no desenvolvimento de uma grande reportagem, dando como exemplo sua experiência na revista *Realidade*:

A grande reportagem, uma boa reportagem tem um custo. Ouvi certa vez que os grandes repórteres de *Realidade* chegavam a perder 2 quilos no processo de escrever (e editar) aquelas peças que chegavam a ter 6 mil-7 mil palavras cada uma. Tinha gente que se fechava no apartamento e ficava às vezes uma semana inteira hibernando, para só sair com o texto pronto. E quantos não eram levados a reescrever duas, três vezes?! (Ibidem, p.111)

2.2 Apuração e texto: reportagem investigativa e “novo jornalismo”

A dedicação seria um ingrediente fundamental em todas as etapas do relato de uma história, da apuração da ideia à reestruturação do texto pelas vezes que fossem necessárias. Diferentemente das mais remotas referências que se perdem no tempo, no moderno jornalismo o ato de apurar ganharia maior rigor, junto com o desenvolvimento de uma série de técnicas e procedimentos que o estruturam como profissão, a partir de meados do século XIX, quando a imprensa passa a se tornar uma atividade industrial.

Falar em apuração e redação da reportagem exige resgatar também da história algumas práticas para se entender e discutir melhor os dois processos. No que se refere à apuração é possível ressaltar desde coberturas de fôlego como a de John Reed sobre a Revolução Russa, quanto polemizar a apuração por disfarce de Nellie Bly no final da década de 1880.

A subjetividade inerente à apreensão do real está presente em qualquer situação, mas nesses exemplos os repórteres a explicitam. No caso de Reed, seu engajamento na causa da revolução se mistura ao relato. Ele acompanhou de perto e contou com riqueza de detalhes a ascensão dos bolcheviques, representantes dos operários e camponeses, ao poder. Ele era um comunista engajado, que se envolveu com o tema, mas buscou preservar certos limites, como

atesta na apresentação de seu livro-reportagem, ao afirmar que “no curso da luta” tinha “simpatias”, “mas, ao traçar a história desses grandes dias, quis considerar os acontecimentos, relatando-os conscientemente” (REED, 1978, p. 15) A obra *Dez dias que abalaram o mundo* é considerada hoje uma das maiores referências sobre a Revolução Russa.

Já a apuração a partir do disfarce do repórter traz o oculto à tona em nome da sociedade, segundo o conceito de quarto poder, mas é um recurso discutível do ponto de vista ético. Em artigo no qual discute o assunto, Sylvia Moretzsohn (2012) lembra do caso da jornalista Elizabeth Cochrane, que sob o pseudônimo de Nellie Bly se internou em um asilo feminino em 1897. A denúncia de abusos com as pacientes levaria a uma mudança das condições dos manicômios, mas Moretzsohn mostra como para isso a linguagem foi fantasiada e exagerada, levando assim ao fato do apelo à apuração rigorosa ser, em casos como esse, confrontado com relatos não tão fidedignos assim. Esse seria o famoso “molho” para tornar o texto mais atraente.

Entrando, portanto, no campo do texto da grande reportagem, podemos citar diferentes estilos. Outros tipos de denúncia do chamado jornalismo investigativo, como os ligados ao poder e à economia, apresentam linguagem mais objetiva, sempre com o embasamento em provas, a presença de números e declaração de especialistas ou autoridades. O texto é reflexo da apuração requerida.

Para as denúncias de esquemas fraudulentos, gestores corruptos, desvio de dinheiro público, empresas ilícitas e magistrados suspeitos, seria necessário para Elvira Lobato (2005), ex-repórter especial da *Folha de S. Paulo*, um conhecimento técnico na área que se está cobrindo para ser possível “descobrir falcaturas e contradições presentes nela”, e se precaver de ser “induzido a erros” por terceiros (LOBATO, 2005, p. 46). Outra necessidade ressaltada é a de buscar documentos que comprovem tudo o que é divulgado. Elvira lembra que o repórter pode se envolver em processos judiciais e terá que provar o que está dizendo. Além do mais, ressalta que esse cuidado é um compromisso ético, já que acusações graves expõem os envolvidos. Frederico Vasconcellos, que acumula extensa experiência na área pelo seu trabalho também na *Folha de S. Paulo*, dialoga com Elvira neste aspecto, ao afirmar que desenvolveu “o gosto pela busca de documentos, a preferência pelo registro oficial, pela comprovação dos fatos no papel, nos autos dos processos, antecedendo o jornalismo declaratório” (VASCONCELOS, 2006, p. 20) Essas duas características resultariam, portanto, em um texto mais técnico e frio.

Bem diferente, porém, seria o texto dos expoentes do *new journalism*. Pegando emprestadas técnicas da literatura, eles iniciariam nos anos 1960 nos Estados Unidos um

processo de tornar a informação mais saborosa ao leitor, como classifica Humberto Werneck (2004). O autor escreve no posfácio do livro de Gay Talese, um dos grandes nomes do estilo, para quem a utilização de recursos literários não associa o jornalismo à ficção. Para Talese (2004, p. 9), pelo contrário, o “novo jornalismo” “é, ou deveria ser, tão fidedigno quanto a mais fidedigna reportagem”, o que significa uma abordagem mais imaginativa, mas não uma distorção do real.

Essa abordagem passaria por quatro características principais, ressaltadas por Tom Wolfe, outro pioneiro do “novo jornalismo”: fluxo da consciência; reconstrução das cenas vividas com a descrição dos detalhes dos ambientes; registro de diálogos completos para envolver o leitor na trama contada; e a atenção aos hábitos, roupas, gestos e demais traços do personagem (WOLFE, apud CUIAIS, 2010, p.13). O resultado seria um entendimento profundo por parte do leitor da pessoa retratada na reportagem, das histórias e dos lugares apresentados, chegando, na opinião de Wolfe (apud DRAGO, 2012, p.17), a uma profundidade na informação.

Dentre as características, o fluxo de consciência seria a técnica de trazer à tona o pensamento do personagem, com o repórter “entrando na mente” do entrevistado. O escritor francês Édouard Dujardin é considerado o precursor dessa técnica, com sua obra *Os loureiros cortados*, publicada em 1888. O livro, inteiramente baseado na imersão na mente do personagem principal, traria por esse motivo uma “inovação técnica que representa para a narrativa em prosa o passaporte definitivo rumo às experiências modernistas”, no julgamento de Fabio de Souza Andrade (2005).

Outra inovação foi a autobiografia em terceira pessoa, quando o repórter faz referência a si próprio como se fosse outro indivíduo (LIMA, 1993). A estratégia teria como consequência uma maior ligação do leitor com o texto, uma simpatia com o personagem e deixaria de lado dúvidas quanto à veracidade do que estava ocorrendo.

Esses dois recursos atestam a associação do “novo jornalismo” ao jornalismo literário¹, cuja origem remonta ao percurso oposto: a iniciativa do âmbito da literatura de dialogar com o real. Charles Dickens foi um dos precursores dessa prática. Um dos maiores escritores da era vitoriana na Inglaterra, ele investia na profunda apuração da realidade de sua

¹ Apesar de ser um forte exemplo do jornalismo literário, o *new journalism* não é o único. Edvaldo Pereira Lima (2003) refere-se a “novo jornalismo” como um momento do jornalismo literário, uma “versão radical” que aperfeiçoou técnicas já existentes e criou outras. A informação é corroborada por reportagens anteriores ao estilo que se utilizaram da literatura, como a já citada *Dez dias que abalaram o mundo* (1919), de John Reed, *Hiroshima* (1946) de John Hersey, com as histórias de seis sobreviventes da bomba atômica que assolou o Japão durante a Segunda Guerra e *Relato de um naufrago* do colombiano Gabriel García Márquez, série de reportagens sobre um homem que conseguiu sobreviver à deriva depois do desaparecimento de sua embarcação em 1955.

época para escrever seus livros, que embora fossem histórias fictícias, dialogavam com o jornalismo ao tratarem, em detalhes, contextos existentes, como a mendicância no período de industrialização². Outras referências desse gênero que ficou conhecido como “realismo social” são Balzac e os americanos John Steinbeck e Ernest Hemingway.

Sobre o “novo jornalismo” ainda é possível tratar da forma de apuração, que contava com o repórter passando semanas ou meses com entrevistados para captar palavras, gestos, comportamentos, para conhecê-lo a ponto de poder expor seus pensamentos, suas impressões do ambiente, das pessoas e de si próprio. Em posfácio no livro *Fama e Anonimato*, de Gay Talese, Humberto Werneck fala “na arte de sujar os sapatos”. Resultado da reposta do repórter Ricardo Kotscho ao ser questionado sobre o motivo pelo qual engraxava seus sapatos regularmente, a expressão tornou-se sinônimo do ato de ir à rua apurar a informação.

A obstinação pode ser exemplificada em reportagem produzida por Talese em 1966. A pauta era fazer um perfil do cantor Frank Sinatra. A entrevista, no entanto, foi negada. Sinatra estava doente e imerso em vários problemas. Nada disso foi motivo para Talese desistir da reportagem. Acompanhando Sinatra de longe, entrevistando pessoas que lidavam com ele diariamente, desde a responsável pelas perucas até assessores, parentes e amigos, Talese tinha mais de 200 páginas de anotações para construir o perfil, que foi intitulado *Frank Sinatra está resfriado*. Refletindo sobre o trabalho, Talese conclui com uma pergunta retórica:

[...] Embora eu não tenha tido a oportunidade de me sentar e conversar a sós com Frank Sinatra, essa circunstância talvez seja um dos pontos fortes do artigo. O que ele poderia ter dito (...) teria revelado melhor quem ele era do que um escritor que atentamente o observasse em ação, vendo-o em situações de tensão, ouvindo-o e acompanhando com vagar os aspectos menos espetaculares da sua vida? (TALESE, 2004, pp. 519, 520)

Com esse discurso, Talese e seus companheiros deixaram sua marca, apesar das críticas recebidas. Os jornalistas seriam acusados de inventar conteúdo, o que junto à crise do papel que chegaria nos anos 70, associada pelos críticos a um desinteresse pela leitura – o que é passível de questionamentos –, fariam o *new journalism* entrar em decadência. Como lembra o autor Edvaldo Pereira Lima (2003), isso, contudo, não significou o fim do jornalismo literário.

² *Oliver Twist*, obra de Dickens de 1837, é um exemplo. A ficção conta a história de um menino órfão que acaba se envolvendo com um grupo de garotos que roubam carteiras nas ruas de Londres do século XIX. Apesar de o personagem ser inventado, a obra reproduz a miséria, a fome, a criminalidade, vividos na realidade desigual da Inglaterra daquele período.

2.3 O caso brasileiro

No Brasil, a Segunda Guerra Mundial foi o conflito que, para Magno, traria um maior investimento jornalístico na grande reportagem, com coberturas como a de Rubem Braga, para o *Diário Carioca*, e a de Joel Silveira, para os *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand. Isso não significa, porém, que antes do período o gênero não pudesse ser observado. Dois nomes são exemplos disso: Euclides da Cunha e João do Rio.

No caso de Euclides, outros jornalistas, como Audálio Dantas (2004) e Marcos Faerman (in DANTAS, 2004) o citam como uma espécie de precursor. *Os Sertões* é considerada a primeira grande reportagem do Brasil. Compilação de série de trinta reportagens escritas de agosto a outubro de 1887, a cobertura que Euclides da Cunha, ex-oficial do Exército, fez da Guerra de Canudos se tornaria o ponto de partida para a elaboração de um dos livros mais renomados da língua portuguesa, lançado em 1902.

Como atesta Igor Fuser (1996), Euclides foi chamado para ser o enviado especial de *O Estado de S. Paulo* no conflito do interior da Bahia, depois de ter escrito dois artigos sobre o tema no jornal. Ele retrataria a realidade do confronto abordando os números de baixas, os interrogatórios com prisioneiros e as investidas da última expedição militar enviada para desfazer o arraial de Canudos. As reportagens eram como diários nos quais o repórter tomava posição diante do que relatava.

João do Rio seria outro personagem obrigatório se fizéssemos uma reportagem sobre as grandes reportagens. Carioca, como demonstra seu apelido, João Paulo Alberto Coelho Barreto se eternizou com seus relatos sobre o Rio de Janeiro no período da reforma de Pereira Passos, no início do século XX. Como conta Lucas Rizzatti (2009, p.56) em monografia sobre o escritor, João seria classificado como grande jornalista com a publicação de uma série de reportagens para o jornal *Gazeta de Notícias*, ao mostrar o processo de “embelazamento” da então capital da República, com a expulsão dos operários das áreas mais nobres da cidade. A observação atenta das ruas, caminhando pelo centro da cidade em transformação, e o estilo literário foram duas constantes de João do Rio, que trabalhava com adjetivações e relato de experiências pessoais.

J.S Faro (1999), no entanto, é categórico ao afirmar que com João do Rio e Euclides da Cunha não se pode ainda falar em uma consolidação da reportagem. Pelo contrário, os exemplos mostrariam que o aprofundamento era esporádico. Apesar de não diminuir a importância do trabalho de ambos os autores, e argumentar que outros exemplos podem ser

observados entre 1900 e 1930, o autor atesta que não foi criada uma linha de continuidade. Nisso, concorda com a avaliação de Ana Beatriz Magno.

Essa realidade começaria a mudar a partir do jornalismo de revista. Para tratar da Segunda Guerra Mundial, do Estado Novo e dos problemas da modernização, *O Cruzeiro*, por exemplo, criada em 1928 por Assis Chateaubriand, investiria na cobertura de peso, como é o exemplo de *Enfrentando os Chavantes* (sic). Dezoito páginas descreviam a experiência dos jornalistas David Nasser e Jean Manzon no contato com índios na fronteira de Mato Grosso com o Pará. As imagens deles atacando um helicóptero a flechadas tornaram-se históricas. O resultado do investimento nas grandes reportagens foi um salto nas vendas. Como revela Ruy Castro (apud FARO, 1999, p.77) os números pularam de 11 mil para 150 mil exemplares vendidos, uma prova de que o gênero, assim como os temas geralmente tratados nele atraem os leitores.

O investimento pode ser observado ainda em outros títulos como *Diretrizes*, criada em oposição a Vargas, e em jornais como *O Jornal*, *Diário Carioca*, *Correio da Manhã*, *O Globo* e *Jornal da Tarde*, este último considerado por Faro o que mais se destacou no gênero, “abandonando o convencionalismo dos códigos do jornalismo informativo e partindo para a elaboração de “alguma coisa que seria um misto entre um jornal diário e uma revista semanal”” FARO, 1996, p. 97). Na opinião do autor, no entanto, os primeiros anos da revista *Realidade*, entre 1966 e 1968, marcariam o panorama da grande reportagem no Brasil.

A revista do grupo Abril teve importante papel na consolidação do gênero e foi considerada uma referência incomparável em termos de aprofundamento, linguagem e narrativa, como atesta Edvaldo Pereira Lima ao falar sobre o trabalho na revista:

[...] O que faziam para captar o real, com inteligência e sensibilidade apuradas, traduzia-se em textos refinados, convidativos, empolgantes. Ler uma matéria de *Realidade* era quase sempre um grande deleite, pela fluência, pela variedade de estilo entre os narradores, pela capacidade de cada um pegar você, leitor, envolvendo-o no fluxo caloroso de uma narrativa inspirada que o conduzia para aquela atmosfera única do mundo que a reportagem descortinava aos seus sentidos pela pele, pelo cérebro, pelos ouvidos. E pelos olhos, pois a fotografia apresentava-se sintonizada, próxima à perfeição, como a proposta do texto escrito (LIMA In FARO, 1999, prefácio)

O contexto no qual *Realidade* se desenvolveu foi o do início da ditadura, mas também foi o de manifestações políticas e culturais no Brasil e no exterior e do realismo, denunciador das mazelas sociais. Sua decadência, no entanto, começaria a ser decretada com o endurecimento do regime a partir do Ato Institucional Número Cinco. Marcio Castilho ao

analisar esse período usa o termo “esvaziamento do debate político” na imprensa, uma referência ao que classifica como um longo jejum de matérias políticas.

Os assuntos desse cunho, no entanto, não sumiram por completo de uma hora para outra. Um exemplo é a publicação em 1968, ano do AI-5, de reportagens sobre a União Nacional dos Estudantes e sobre o líder comunista Luiz Carlos Prestes³. A análise do autor ainda pode ser questionada se levamos em consideração reportagens que a jornalista Ana Beatriz Magno chama de sociais, as mesmas que Castilho menciona nesse período de “esvaziamento”: “Na impossibilidade de denunciar a violação de direitos humanos ou criticar o modelo econômico dos militares, produziam-se grandes reportagens sobre futebol até assunto (sic) sobre psicanálise, agressão ao meio ambiente e drogas”. O autor faz essa diferenciação por trabalhar principalmente a questão do jornalismo policial e as investigações visarem temas políticos. Mas Magno nos recorda que, por mostrarem mazelas do país, portanto, uma realidade diferente da exposta pelos militares, ou, como diz Lima (Ibidem), o “mundo descortinado”, esse tipo de reportagem teria conotação política, o que significa que mesmo com a ditadura não se deixou de produzir reportagens de alto nível, como *Doença de Menino*, sobre a absurda mortalidade infantil na periferia de Recife, e *Povo Caranguejo*, ambas de Audálio Dantas, em 1970, para *Realidade*.

A partir dos anos 1980, no entanto, haveria uma mudança. A abertura lenta, gradual e segura do regime ditatorial faria com que os jornalistas pudessem voltar a realizar a cobertura política e, aos poucos, mostrar os bastidores daqueles anos de chumbo no melhor estilo da imprensa como quarto poder. Uma reportagem marcante nesta virada foi *Assim vivem nossos super funcionários*, publicada em 1976 no *Estado de S. Paulo*. O trabalho de Ricardo Kotscho instaurou a expressão “mordomia” na imprensa, “numa alusão aos privilégios e vantagens dos ocupantes de cargos públicos durante o regime militar” (CASTILHO, 2007, p.4)

É neste momento, portanto, que o que Magno chama de reportagem social passaria a ficar em segundo plano, enquanto as notícias e reportagens fiscalizadoras do poder ascenderiam. Assim se chegaria a quadro no qual em dez anos, de 1995 a 2005, das onze reportagens que receberam o Prêmio Esso de reportagem em jornalismo, nove serem de reportagens fiscalizadoras do poder, como aponta a autora. Ela critica essa realidade

³ Em julho de 1968 *Realidade* traria reportagem sobre a União Nacional dos Estudantes em reunião secreta dos líderes de todo o país. A revista adentrou no mundo da semiclandestinidade dos estudantes e trazia como símbolo o presidente da UNE, Luiz Travassos. No mês seguinte o repórter Dirceu Soares acompanharia os estudantes que invadiram a Faculdade de Filosofia de São Paulo. Já em dezembro do mesmo ano, Luiz Carlos Prestes estamparia as páginas da revista. Foi feito um perfil de um dos inimigos número um da ditadura abordando tanto a personalidade histórica quanto a mitologia de Prestes associada à mitologia do próprio Partido Comunista Brasileiro.

posicionando sua preferência pelo social e se referindo ao “funeral da narrativa”. A narrativa – o ato de contar uma história –, justamente, é o que Muniz Sodré (2009) considera um atributo da grande reportagem, e há de se notar que uma das características recorrentes desse tipo de texto é a descrição de cenas, seja de ambientes ou do comportamento dos personagens.

A crise da narrativa, porém, não poderia ser entendida como uma crise do gênero, já que as reportagens fiscalizadoras do poder possuem outras características, mas não deixam de ser um tipo de grande reportagem. O problema central envolvendo o gênero viria, na realidade, com a crise do papel de 1974 lembrada por Alberto Dines (1996). Segundo ele, o aumento do consumo do produto; a substituição por outros tipos mais rentáveis dele; o inverno rigoroso vivido no Canadá, que dificultou o abate e transporte de madeira; a inflação nos países desenvolvidos; a crise do petróleo; o controle maior sobre as ações no meio ambiente e o impacto das usinas de papel fariam com que o preço internacional do produto fosse de 171 dólares a tonelada para 320 dólares. O prejuízo foi ainda maior para o Brasil, que importava mais de 60% de sua demanda. Diante da falta de matéria prima, a solução empregada foi a redução do tamanho do jornal. Na cabeça dos empresários para reduzir os gastos, já que o jornalismo começava a ser visto como negócio lucrativo, era preciso cortar páginas, o que afetava a grande reportagem.

Ao invés de uma farta refeição, o leitor passaria a receber então *fast food*, como classifica o jornalista Luiz Claudio Cunha ao relatar também um momento de instabilidade econômica seguido de um novo projeto editorial, mas desta vez da revista *IstoÉ*, e em 2006:

Neste quadro recessivo (o da imprensa e da economia), que inquieta patrões e assusta empregados, é natural o surgimento do “jornalismo de resultado” e seus profetas – os executivos moderninhos que prometem redações baratas, revistas idem, amenidades muitas e reflexão zero. Apostam no padrão do leitor que consome mas não pensa, no perfil Homer Simpson⁴ (...) Para este tipo de leitor, com tanto a comprar e tão pouca disposição para ler, o jeito é o modelito de *USA Today*, o jornalão *fast food* destes tempos midiáticos para uma leitura rápida, calórica e saborosa como um Bic Mac. Assim, nossas *semanais* sofreram cada vez mais a tentação de atender a este novo *mercado* emergente, abdicando de sua função primordial: o texto mais consistente, mais abrangente, para refletir e ponderar sobre a salada de informações frenéticas e redundantes que o dia-a-dia de jornais, rádios, TVs e internet

⁴Homer é personagem do desenho animado *Os Simpsons* criado em 1987 e exibido no canal Fox. Ele representa uma sátira do chefe de família americano. Preguiçoso, irresponsável e desatento no seu emprego, Homer não é bom pai nem marido, e apesar de ser adulto, por sua imaturidade parece ter a idade mental de uma criança. Cunha se utiliza da metáfora, para mostrar que o jornalismo pautado no entretenimento e sem profundidade consideraria o leitor um bobo, sem capacidade de reflexão. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Homer_Simpson> Acesso em: 1/12/2014

enfia goela abaixo do cidadão (CUNHA, 2006, apud MAGNO, 2006, pp. 59, 60)

A justificativa para essa nova realidade, sem o prestígio de outros tempos da reportagem foi a de que o leitor já não teria mais tempo para textos longos e já estaria acostumado com o ritmo da televisão. A sobrevivência do gênero mesmo diante desse contexto – aliás, mesmo diante da aceleração do ritmo da vida cotidiana, com a internet – mostra o contrário. A grande reportagem continua a existir no trabalho de repórteres que conseguem conciliar a abordagem profunda com a cobertura do dia-a-dia nos jornais impressos e em publicações especializadas, como a revista *piauí*, por exemplo. E, como veremos no próximo capítulo, a disseminação da web como espaço para a grande reportagem pode estar ampliando esse alcance e mudando novamente os rumos dessa história.

Capítulo 3- Plataforma *online* e velocidade

3.1 Tempo, urgência, imediatismo: as consequências do ritmo veloz

Por suas características, a emergência da internet trouxe a possibilidade de troca de informações em um ritmo frenético, levando ao ápice a velocidade no jornalismo. Como analisa Sylvia Moretzsohn, autora da obra *Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade* (2002), a web exacerbaria o que já poderia ser observado muito antes, já que o jornalismo, como explica, sempre tendeu à celeridade, coerente com o ritmo imposto pelo capitalismo.

É em torno dessa ideia de dinamismo que a imagem da atividade jornalística se constrói: meninos jornaleiros saem às ruas apregoando edições extras, efeitos sonoros vibrantes despertam o ouvinte para notícias curtas e rápidas, vinhetas alertam o espectador para o bombardeio de imagens. Notícias de última hora: tudo é urgência (MORETZSOHN, 2002, p. 46)

Neste sistema econômico, já os modos de produção conhecidos como Taylorismo e Fordismo⁵ trouxeram no século XX a racionalização da atividade com o funcionário perdendo a noção de todas as etapas do processo de confecção, mas exercendo sua função específica no menor tempo possível. Essa noção de tempo ganharia importância ainda maior quando se adotou o Toyotismo⁶ que “ampliou a escala de aceleração do ritmo da inovação do produto – portanto, da obsolescência programada –, reduzindo drasticamente o tempo de giro do capital através da automação da produção e de novas formas de gerenciamento” (Ibidem, pp. 25, 26)

Citando Marcondes Filho, que considera imprensa e capitalismo “pares gêmeos”, Moretzsohn afirma que o jornal teve papel fundamental para a circulação mais rápida de mercadorias, já que possibilitou que as informações sobre importações, exportações e movimento de capital pudessem chegar mais depressa. A própria notícia se transformaria em mercadoria, o que se juntaria à lógica da concorrência, da pressa para chegar na frente e garantir a informação em primeira mão. O discurso usado pelos veículos, no entanto, seria o

⁵ O Taylorismo foi o modelo desenvolvido pelo engenheiro Frederic Taylor visando a melhor eficácia no trabalho. O americano que publicou em 1911 o livro *Princípios de Administração Científica* incentivou uma mudança na estrutura do processo produtivo racionalizando a mão de obra, acabando com o desperdício de tempo e aumentando a produtividade no trabalho, o que levou à sua fragmentação. As ideias de Taylor foram aplicadas por Henry Ford em 1914 na linha de montagem de carros, no que ficou conhecido como Fordismo. Com o modelo aliado a inovações técnicas, a indústria se organizaria segundo a produção em massa. Disponível em: <http://www.infoescola.com/administracao/_taylorismo/> Acesso em: 9/11/2014

⁶ Também conhecido como acumulação flexível o Toyotismo é um modelo de produção capitalista que surgiu no final da Segunda Guerra sendo aplicado por Taiichi Ohno nas fábricas automotivas da Toyota. Entre as principais características do modelo estão a flexibilização, com a produção apenas do necessário evitando assim o desperdício dos modelos anteriores, a automatização, com um funcionário podendo manusear várias máquinas ao mesmo tempo e o controle de qualidade total dos produtos. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/industria/toyotismo/>> Acesso em: 9/11/2014

de que o mundo é naturalmente veloz e que o leitor teria o “direito de saber” o que está acontecendo cada vez mais rápido, o que é contestado pela autora:

Essa noção, decorrente da velha e criticada ideia de que o público tem o “direito de saber” para poder tomar suas decisões, sugere que o público “precisa saber” cada vez mais rápido porque esse é o tempo do mundo. Portanto, a qualidade é aí identificada com a rapidez na transmissão da informação. Coerentemente, as próprias condições de trabalho – que, como se sabe, são determinantes na produção do discurso – ficam subordinadas a essa “lógica da velocidade”, apresentada como um dado da realidade, como se fosse dotada de uma dinâmica própria, e não como resultado da rotina industrial (Ibidem, p. 12)

A dinâmica a que a autora se refere na passagem é o que está por trás do que ela classifica como “fetiche da velocidade”. O termo fetiche foi utilizado por Marx para se referir ao produto do trabalho que logo que assume a forma de mercadoria passa a ter “vida própria”, existir por si mesmo, escondendo as relações sociais que o originaram. Na associação da autora, a velocidade aparece como o principal valor notícia, o que encobriria o processo de produção, e faria ela se tornar mais importante até do que a qualidade daquilo que se veicula, o “dizer a verdade” prometido pela imprensa, já que a falta de tempo para uma melhor apuração muitas vezes leva à transmissão de informações erradas, o que para a autora representa uma inversão dos valores do jornalismo.

Quem também segue essa linha de análise é Juliano Borges, que discute as relações entre política e jornalismo em “tempo real”. O autor diferencia o jornal impresso do webjornal ao afirmar que, enquanto o primeiro “trabalha com o acúmulo prévio de informações para posterior publicação”, o outro tem a velocidade como “primeiro parâmetro a ser atendido”, deixando em segundo lugar a “alimentação de informação” (2009, p.57)

Entre os problemas do fetiche da velocidade estariam ainda, de acordo com Moretzsohn, a superficialidade; a tendência de maior procura por fontes oficiais ou familiares; a possibilidade de o repórter ficar refém dessas fontes, sem recorrer a outros tipos de apuração, o que geraria maior chance de os veículos serem usados para “testar reação do público”, acolhendo “balões de ensaio”; e a manutenção de estereótipos e prejulgamentos por parte da imprensa. Outros empecilhos criados seriam a desinformação pelo excesso, que na terminologia de Ciro Marcondes Filho (1989) se refere à impossibilidade de o leitor absorver tantas informações divulgadas de forma tão rápida; e o mimetismo midiático,

(...) aquela febre que se apodera repentinamente da mídia (...), impelindo-a na mais absoluta urgência, a precipitar-se para cobrir um acontecimento (seja ele qual for) sob o pretexto de que os outros meios de comunicação –

e especialmente a mídia de referência [a TV] – lhe atribuem uma grande importância (RAMONET, 1999, apud MORETSON, 2002, p. 150)

Ramonet traz ainda outra contribuição importante em sua obra *A tirania da comunicação* (1999) ao falar sobre o “tempo real” e relacioná-lo à definição da palavra jornalista:

Etimologicamente, o termo jornalista significa “analista de um dia” (...) hoje, com a transmissão direta, e em tempo real, é o instante que é preciso analisar. A instantaneidade tornou-se o ritmo normal da informação. Portanto, um jornalista deveria chamar-se um “instantaneísta” ou um “imediatista” (Ibidem, p. 169)

O esforço, no entanto, seria fadado ao fracasso, já que analisar o instante é impossível. A jornalista Elisa Travalloni explica que o conceito de “tempo real” se refere à “notícia mais factual, curta. É o fato, por si só, as declarações, o rebate, a versão e a contra-versão. Por conta disso seu noticiário torna-se extremamente dinâmico. E, ao mesmo tempo, descartável” (TRAVALLONI, in BORGES, 2009, p. 59). Note-se, entretanto, que não é possível falar no “fato por si só”, pois qualquer fato depende de um relato que vai interpretá-lo de alguma forma, explicitamente ou não.

Por essas características, Borges afirma que o formato da notícia na web é mais parecido com o do rádio que o do jornal impresso, por ser mais “objetiva e breve para responder à necessidade de rapidez” (p. 59), mas dispensando o que considera ser a redundância do meio. Essa característica está relacionada ao fato de o rádio ter que fixar a informação na memória do ouvinte, por isso a repetindo, já que não há a possibilidade do público voltar e ter acesso à informação novamente. Neste caso Borges se referia ao rádio tradicional: com webrádios e a disponibilização de links esse caráter redundante perderia sua função. Da mesma forma, a comparação com o jornal em papel esbarra no quadro atual de convergência de mídias, em que todo jornal tem seu site, o que altera as rotinas cumpridas nos tempos anteriores à internet.

3.2 O jornalismo em transição: dos suportes tradicionais à era da internet

O ano era 2007 e quem falava era o diretor-presidente do *The New York Times*, veículo referência no jornalismo mundial, em entrevista a jornal israelense.

Arthur Sulzberger afirmou não saber dizer se ainda estaria imprimindo o *Times* daí a cinco anos. Ele informou que a empresa havia dobrado seus leitores *online* para 1,5 milhões por dia, enquanto o número de leitores do impresso estaria em torno de 1,1 milhão. Para ele, a maior preocupação do jornal era fazer a transição de todo o conteúdo para a Internet, e o fim da impressão seria apenas uma parte desse processo (NUNES, 2009, p. 63)

Sete anos se passaram desde então, as previsões não se concretizaram e o *The New York Times* continua a ter sua versão impressa apesar de investir de forma crescente na plataforma *online*. Em 2010, Sulzberger voltaria a reiterar a hipótese do fim da versão impressa. Dessa vez a declaração foi durante a 9ª Conferência Internacional de Redações, mas sem a delimitação de prazos: “em algum momento do futuro, em data a ser ainda anunciada”, afirmou.

Enquanto isso, a integração das duas plataformas, tanto lá fora quanto no Brasil, começou a acontecer. Sylvia Moretzsohn (2014) discute esse tema analisando o caso do jornal *O Globo*, que no início do ano inaugurou um novo ritmo de seu trabalho a partir da constatação de que “o *online* vem em primeiro lugar e se inicia não pelo desenho, e sim por uma mudança no funcionamento da redação”, como afirmou um dos editores executivos do jornal, Pedro Doria, em entrevista à autora. Ele ainda ressaltava o fato de ser necessário “continuar vivendo no mundo em que talvez o jornal de papel deixe de existir. E mesmo que exista, será um jornal menor” (DORIA, apud MORETZSOHN, 2014)

Falar do fim do impresso, no entanto, não é um discurso recente. Em 1996 Alberto Dines analisou a situação vivida pelos jornais nos anos 70, depois de aumento do preço do papel. Além do problema da matéria-prima, começou a se espalhar o discurso de que o jornalismo impresso estaria com os dias contados especialmente com a popularização da televisão, o que o autor contesta em sua obra dando exemplos de outros meios que surgiram e não tomaram o lugar dos anteriores.

A perenidade de nosso sistema sensorial e de nosso equilíbrio psicofisiológico não deixará que se evaporem sistemas de comunicação cada vez que a tecnologia avançar para descobrir algo novo ou quando os pensadores recuarem para reencontrar uma solução antiga. Os veículos não se atrofiam porque nossos sentidos, como um todo, também não se atrofiam. A TV não matou o rádio nem o jornal. A revista a cores não liquidou o livro. O grande jornal metropolitano não matou a imprensa interiorana (DINES, 1996, p. 68)

Dines adota a perspectiva de sobrevivência e convívio das formas tradicionais com as que vão surgindo. Mas, como se pode constatar, as gerações mais recentes, que nasceram na era da internet, lidam com essa tecnologia de maneira muito mais ágil e com estímulos sensoriais distintos dos de seus pais e avós. Por isso é possível falar da necessidade de adaptação da grande reportagem a um novo suporte, até para conquistar outros tipos de leitores.

O autor reitera de certa forma essa necessidade ao afirmar que não haveria um meio melhor do que o outro, mas sim características específicas em cada um deles e públicos-alvo diferenciados. O surgimento de novas mídias, portanto, não significaria diretamente a suplantação das já existentes, mas poderia provocar uma adaptação devido à mudança de cenário, como reitera o sociólogo francês Jean-Marie Charon (2001, apud NUNES, 2009) ao falar em um “mimetismo” inicial entre ambos, com o compartilhamento de características, para depois os dois meios saírem modificados.

Nessa modificação, porém, não seria interessante a tentativa de concorrer com o webjornalismo.

Os jornais tradicionais assumiram de tal forma o pressuposto da velocidade que abandonaram os espaços de reflexão que justamente os diferenciavam de outras mídias, como o rádio e a TV. Com o advento do webjornalismo, a tentativa dos jornais impressos de fazer frente ao fenômeno competindo dentro da mesma lógica – de responder com velocidade à concorrência dos fatos – tornou a disputa muito desigual, tal sua inferioridade técnica em fazer frente aos webjornais nesse quesito (BORGES, 2009, p. 45)

Apesar de se referir à notícia, Borges mostra uma característica que pode ser a resposta neste embate entre duas plataformas: a reflexão, o investimento na qualidade, o que sai apenas do âmbito do que deveria ser a busca do impresso. Em maio de 2014, discutindo mais uma vez a nova realidade do jornalismo, o *New York Times* realizou estudo sobre os desafios que a revolução tecnológica imprime à profissão e o resultado foi o de que

O relatório do “New York Times” reconhece o padrão jornalístico como um dos principais ativos do periódico e aponta que a tradição de qualidade tem de estar na base de qualquer inovação. Significa a produção de reportagens que aprofundem a história, ampliem as abordagens, tragam insights e envolvam o leitor. Além de bons textos são necessários recursos como gráficos, fotos, vídeos, interatividade e desenho digital (O GLOBO, 10/05/2014, p. 29)

Como demonstram Baccin e Daniel (2015, no prelo) em seu estudo relativo à reportagem especial da *Folha de S.Paulo* sobre a usina de Belo Monte, a adequada utilização desses recursos do meio virtual permite a criação de um produto exclusivo do jornalismo *online*. Assim, nesta realidade da integração entre as redações, as empresas jornalísticas estariam diante da oportunidade de ampliar seu campo de atuação, explorando, junto com a mídia impressa, as possibilidades disponíveis graças à internet, e oferecendo ao leitor conteúdo de qualidade para além da discussão em torno do suporte.

3.3 Características do jornalismo na web e o espaço para a grande reportagem

A apresentação dessas possibilidades é o objeto de grande parte da tese de Luciana Mielniczuk, de 2003. Ela busca entrar nos detalhes dos formatos das notícias *online* e não das reportagens, mas sua explanação sobre a plataforma como um todo mostra-se rica para a nossa pesquisa. Entre as contribuições da autora está o esclarecimento das várias nomenclaturas usadas quando se fala do jornalismo tendo como meio a internet, o que ajuda na utilização correta dos termos.

De acordo com Mielniczuk, cinco terminologias distintas são empregadas neste caso. Jornalismo eletrônico seria o nome mais abstrato, por abranger qualquer tecnologia usada na prática jornalística, inclusive a analógica, como é o caso de um gravador de fitas. Dentro desse jornalismo estaria o digital, no qual entrariam os dispositivos baseados em dados numéricos, como câmera e gravadores digitais, CDs, ilhas de edição. Afunilando ainda mais esse conjunto, o ciberjornalismo seria o praticado no ciberespaço, ou no ambiente virtual, cujo melhor exemplo é o uso do computador para a prática da profissão. Por fim, o jornalismo *online* e o webjornalismo seriam os mais parecidos, mas enquanto o primeiro pressupõe a conexão em “tempo real” e fluxo contínuo, o segundo se referiria ao suporte técnico, a uma parte mais restrita da internet, a *web*, que liga as informações e se estrutura a partir da conexão de computadores chamada de *www* (*world wide web*).

Esse último termo seria dividido em três gerações na avaliação de Mielniczuk. O de primeira geração, ou transpositivo, se referiria às experiências iniciais de jornais *online*, na qual o que se observava era uma reprodução do papel. O de segunda seria um nível intermediário em que ainda não há uma independência do webjornalismo, mas começa a ser realizada a descoberta do hipertexto. Já o de terceira é classificado pela autora como o período em que o conteúdo e a estrutura do jornal *online* passam a ser pensados para a plataforma.

Outros autores, como Suzana Barbosa, já falam em uma quarta geração do webjornalismo, na qual

(...) a expansão à escala mundial, a possibilidade de aumentar indefinidamente o seu tamanho e o acréscimo ilimitado de temáticas abrangidas, a manutenção on-line dos arquivos (...) a interatividade, são fatores que conduzirão o jornalismo on-line a ser impreterivelmente um jornalismo assente sobre base de dados (BARBOSA, 2007, p.160)

Ao considerar a internet como local que abriga coletânea de dados, esta seria a fase em que a grande reportagem ganharia espaço e possibilidade de aprofundamento também neste suporte. A princípio a afirmação poderia parecer contraditória haja vista uma outra característica do meio: a atualização contínua, a disponibilização de conteúdos em ritmo

acelerado na tentativa de divulgar um fato que acaba de acontecer no mais próximo possível do que seria a instantaneidade. Como explica Juliano Borges (2009, p. 68), no entanto, apesar dessa “cobertura acelerada, mais rápida do que a da TV e a do rádio”, o fato de o suporte possuir espaço ilimitado tornaria possível o que ele chama de “cobertura de contexto”. A capacidade de armazenamento da web daria ao jornalista a possibilidade de aproveitar mais amplamente o material que ele tem em mãos, mesmo de maneira fragmentada, o que é lembrado por Pedro Enrique Armendares, diretor do Centro de Jornalismo Investigativo do México.

Uma das partes mais dolorosas do jornalismo é que, depois de fazermos todas as pesquisas e aferirmos todas as informações o editor nos diz que temos de nos desfazer de 90% a 95% do produto pesquisado. Geralmente, tudo o que constatamos não cabe na página impressa (...) Muitos jornalistas estão colocando na internet a informação obtida para fazer uma reportagem que não coube na página impressa. O *El País*, por exemplo, oferece além das notícias do dia, uma enorme quantidade de informações documentais que, de outra maneira, seria desperdiçada e impossível de ser transmitida aos leitores (ARMENDARES, 2000 apud BORGES, 2009, p. 68)

Com conteúdo extenso, as reportagens *online* contradizem uma errônea visão de superficialidade, que pode ser decorrente da associação automática entre internet e velocidade. Como relatam Alciane Baccin e Priscila Daniel (2015, no prelo) a tecnologia proporciona ações que podem enriquecer as informações passadas ao leitor, abrindo novos campos de conhecimento.

O gênero reportagem, no meio digital, carrega junto características da reportagem em profundidade originada do impresso, como liberdade narrativa, detalhamento e humanização. Ao mesmo tempo também se beneficia das características do meio digital, através da multimídia, da interatividade, da hipertextualidade, da legibilidade, da ruptura de periodicidade e das possibilidades técnicas (BACCIN e DANIEL, 2015)

Exemplos dessas características são detalhados a seguir:

Hipertextualidade

É a construção da narrativa de maneira não-linear, conectando textos de uma mesma matéria ou levando o internauta até novos conteúdos através de hiperlinks, botões e abas. Os três termos designam ferramentas da internet que estabelecem uma conexão com novas informações, podendo ser explorados no próprio texto. Uma palavra da reportagem, por exemplo, pode se transformar em link, fazendo com que, caso queira buscar mais conhecimento em determinado assunto, o internauta possa ter acesso a ele. O recurso, no

entanto, não é muito explorado, e talvez não seja aconselhável ser tanto porque tende a dispersar a leitura.

Geralmente os links aparecem em barras na página e funcionam como menu a partir da qual o leitor pode clicar e ser encaminhado para uma nova tela. É o caso da série de reportagens do *Correio Brasiliense* publicada em janeiro de 2013 com o intuito de mostrar a relação entre os moradores de Brasília com suas casas. Cada reportagem apresenta um menu no qual as outras da série estão listadas. Clicando na escolhida, o leitor acessa a reportagem que o interessa. É interessante lembrar que, neste caso, no entanto, outra característica da internet está presente de forma acentuada: a memória, a possibilidade do resgate de informações na plataforma *online*.

Saiba mais...

- A casa fala: as paredes cheias de vida de Nicolas Behr e Alcina Ramalho
- A casa fala: glamour, brilho e luz na casa-cenário de Carlinhos Beauty
- A casa fala: o plano de Lelé e o apê-galeria-de-arte de Elder Rocha
- A casa fala: pilotis e painel de Athos são assinatura de Sérgio Parada
- A casa fala: miniaturas, tapetes, quadros e os cobogós de Ralph Gehre
- A casa fala: Doya Kneipp e a forma inusitada das lembranças "dele"
- A casa fala: os atabaques, orixás e o quadro que chamou Mãe Baiana de Oyá
- A casa fala: os afetos poéticos dos autógrafos de Chiquinho Livreiro da UnB
- A casa fala: retratos e pinturas das sagradas recordações de Yone Melo
- A casa fala: a memória, a religiosidade e os inventos de Eiichi Sato
- A casa fala: ouça o sítio-canção de Zé-Mulato, pós-graduado em caipiragem

Figura 1: Links que levam para outras matérias da série do Correio Brasiliense

Interatividade

É entendida como a forma pela qual o internauta interage com o que é produzido, incluindo chats, fóruns virtuais, enquetes, disponibilização de e-mails. Segundo Mielniczuk a interatividade se dividiria em três vertentes: com a máquina, com a publicação, a partir da hipertextualidade, e com o autor e outros leitores, a partir da máquina. Um conteúdo interativo na reportagem, portanto, é o que considera o internauta como participante, fazendo-o se envolver de alguma forma com o que é passado.

Além dos exemplos citados, outro é o recurso que a *Folha de S.Paulo* usou no especial *A Batalha de Belo Monte*. Publicada em dezembro de 2013, a reportagem abriu uma série voltada a explorar temas relevantes da atualidade, como a construção polêmica da usina hidrelétrica de Belo Monte no Rio Xingu. Baccin e Daniel (2015, no prelo) mostram que o produto contém variados recursos que podem classificá-lo como multimídia, sendo um deles o convite ao leitor a entrar em aplicativo e sobrevoar, no mundo virtual, o local de construção da usina. A própria chamada para o recurso já ressalta a interatividade.

SOBREVOE A USINA

Aplicativo interativo permite pilotar o Folhacóptero sobre Belo Monte



Figura 2: Chamada na reportagem para o leitor acessar o aplicativo interativo e navegar por Belo Monte

Memória

A característica que viabiliza as grandes reportagens *online* cria também o que Marcos Palácios (2004) chama de memória. Ele enaltece o “volume de informações diretamente disponível ao usuário” como um diferencial da internet, “seja em relação ao tamanho da notícia ou à disponibilização imediata de informações anteriores” (MIELNICZUK, 2003, p. 51), servindo assim “como suporte e banco de dados” (BACCIN e DANIEL, 2015, no prelo). A consequência dessa capacidade seria a possibilidade de gerar memória sobre os assuntos.

Um exemplo é *40 discos que fazem 40 anos*, também da *Folha*. Publicada em agosto de 2013, consiste em uma enquete feita com quarenta músicos, cineastas, atores, políticos e nomes da literatura para eleger os vinte melhores discos nacionais e os vinte melhores internacionais de 1973. No caso não podemos falar em uma interatividade, porque a enquete não foi realizada com internautas, mas a seleção representa uma memória *online*, já que são listados os álbuns e disponibilizados vídeos com as canções deles, o que seria muito inviável de ser feito em outro meio.



Figura 3: Página que reúne o conjunto de discos nacionais e internacionais que venceram a enquete. No canto esquerdo o nome dos cantores aparece listado. Clicando neles, o internauta abre o LP com um resumo do que foi o disco e pode ver vídeo que traz todas as músicas dele além de conhecer quem foram as pessoas que elegeram o disco como um dos quarenta

Multimídia

É um dos grandes atrativos da internet. O termo significa que é possível trabalhar na plataforma com conteúdos de diferentes formatos, representando uma união de cada uma das outras mídias. Grandes reportagens seriam multimídia ao serem compostas por vídeos, sons, galerias de fotos e infografias além do texto, compondo assim um todo de variados recursos.

Esse é o caso de *Ski Jumping*, matéria de série realizada pelo *The New York Times* durante as Olimpíadas de Inverno de Sochi, na Rússia, no início deste ano. Logo após uma tela inicial que apresenta o esporte o internauta é convidado a rolar a página com o *scroll* do mouse onde um vídeo com inicialização automática passa a rodar mostrando uma atleta saltando com seu equipamento enquanto relata como é a experiência. Ao longo da matéria outros vídeos surgem trazendo explicações sobre o esporte mescladas com o depoimento.

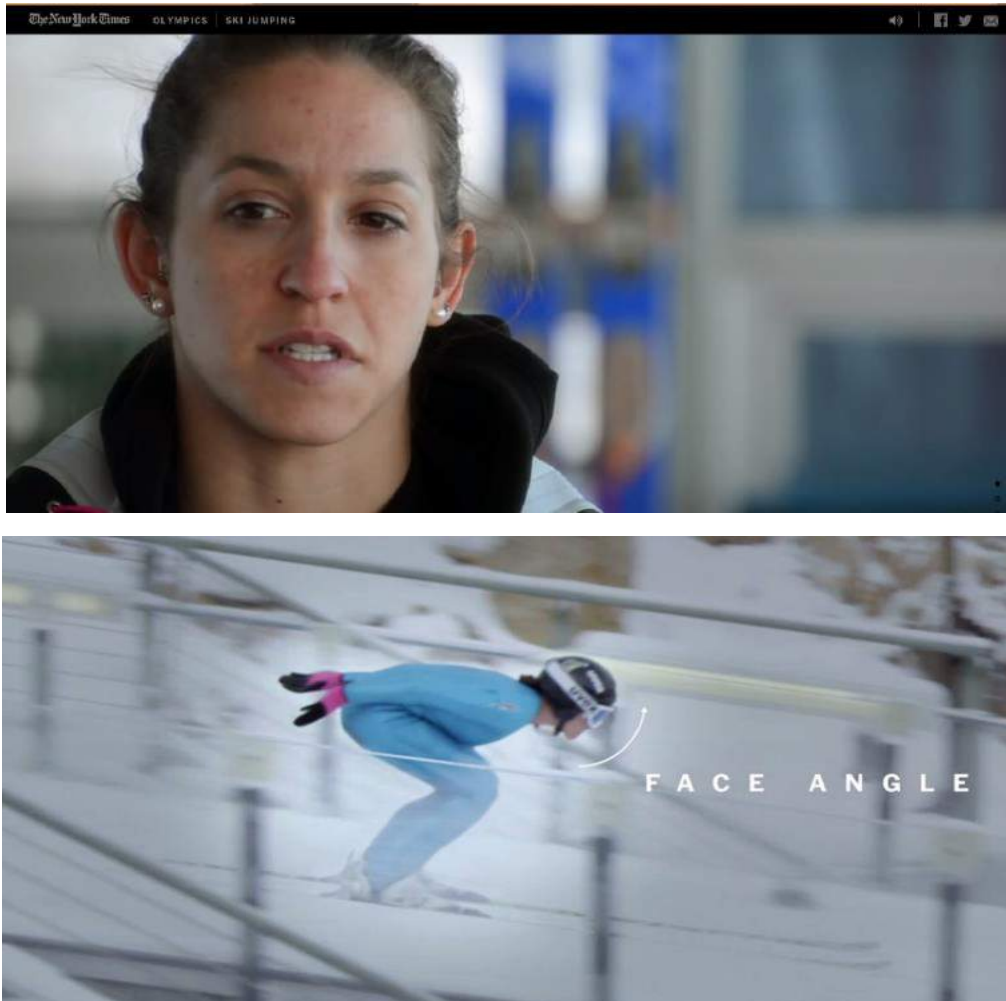


Figura 4: Vídeos da reportagem mesclam depoimentos com explicações técnicas relacionadas ao *ski jumping*

Outro exemplo da multimidialidade, desta vez relacionada aos sons, é a série sobre casas, do *Correio Braziliense*, citada anteriormente. As matérias são constituídas em sua versão *online* basicamente por fotos onde estão inseridos botões. O internauta é convidado a clicar nos botões para ouvir áudios dos personagens relacionados a determinado objeto de suas casas. Ao clicar em um deles é aberta uma caixa com o áudio.



Figura 5: Foto da casa de Aldane Menegaz com depoimentos em áudio de diferentes constituintes da cena. Ao clicar em um dos botões janela abre e passa a reproduzir a gravação

Personalização

Também conhecida como customização de conteúdo, como lembra Mielniczuk, a personalização ocorre em dois casos: quando sites noticiosos se adaptam aos usuários, permitindo pré-seleção de assuntos e posteriormente criando página específica para o internauta, ou quando o leitor pode criar um “percurso individualizado de leitura” durante a navegação. Nesse caso, a narrativa hipertextual é organizada de tal forma que o leitor pode escolher que conteúdos verá. Assim, no caso de abas, ele pode escolher primeiro clicar em uma e depois em outra enquanto um segundo leitor pode fazer percurso virtual diferente.

Outro exemplo é uma segunda reportagem do *The New York Times*, *One in 8 million*. Durante o ano de 2009 equipe do jornal saiu às ruas de Nova York coletando histórias extraordinárias de pessoas comuns e no final criou uma coletânea de falas de 54 personagens ilustradas por fotos deles. Todo esse material foi disponibilizado virtualmente. As histórias aparecem lado a lado, e o internauta pode escolher qual ouvir em qual ordem.



Figura 6: Captura de tela das duas primeiras histórias da reportagem. Ao passar pela linha no final da página o cursor traz pequenos trechos em áudio de cada uma das fotos. Clicando em uma delas abre um vídeo com imagens e depoimento sonoro do personagem

A análise a seguir permitirá perceber como as reportagens selecionadas para este estudo utilizaram esses recursos.

Capítulo 4- Análise de exemplos

Neste capítulo faremos a análise de grandes reportagens publicadas na web, duas em 2011 e três em 2014, para assim alcançar o objetivo geral de mostrar como a reportagem em profundidade pode sobreviver no suporte *online* e ser até mais atraente que a reportagem em papel, dependendo de como explora os recursos nessa plataforma. São cinco exemplos de veículos diferentes: *Travessia. Ponte Rio-Niterói, 40 anos*, de *O Globo*; *O Golpe e a Ditadura Militar*, da *Folha de S. Paulo*; *HQ: Meninas em Jogo*, da *Pública*; *Brasil de Bombachas*, da *Zero Hora*; e *O Nascimento de Joicy*, do *Jornal do Commercio*.

As análises são constituídas de breve introdução do que é a reportagem e quando foi publicada, de resumo do conteúdo de cada uma de suas partes e então do exame da sua estrutura, das ferramentas da internet usadas para dar outro tipo de profundidade ao gênero. Nessa última parte, capturas de telas ajudam a ilustrar o que é afirmado. A avaliação do emprego desses recursos, no entanto, procurou não ser feita de forma a associar diretamente sua presença à maior profundidade, já que o uso do recurso pelo simples uso, pela quantidade de vezes que aparece, não significa a qualidade da reportagem.

Feita essa ressalva cabe ainda explicar que as cinco reportagens foram escolhidas de acordo com a avaliação da contribuição que suas características poderiam dar ao estudo da emergência do gênero plataforma *online*, tanto por trazerem aspectos positivos quanto negativos. A presença da multimidialidade, hiperatividade e outras, foi apresentada nos exemplos, quando devidamente empregadas, como pontos de acerto, enquanto a transposição do conteúdo publicado no impresso foi citada para mostrar o mau uso da plataforma. Das cinco reportagens, apenas duas foram publicadas exclusivamente na web: o especial da *Folha* e a reportagem em quadrinhos da *Pública*. As três restantes foram adaptadas de reportagens publicadas em papel, ou feitas em conjunto com elas, possuindo menor ou maior grau de semelhança. Para apontar o nível de aproximação, realizamos comparações com as versões em papel e entrevistamos os autores dessas três reportagens.

4.1 Travessia Ponte Rio-Niterói, 40 anos



A data de comemoração do aniversário de 40 anos da Ponte Rio-Niterói em março deste ano foi o tema de série de reportagens publicada pelo jornal *O Globo* entre os dias 9 e 12 de fevereiro de 2014. Como gancho, além da data esteve a informação de que o Ministério Público Federal iria entrar com ação na Justiça para mudança do nome da Ponte (que oficialmente se chama Presidente Costa e Silva), para desvincular sua relação com o período da ditadura militar, quando a obra foi realizada. O mote da série gerou polêmica e o trabalho dos jornalistas Chico Otávio e Bruno Góes recebeu destaque não só na editoria de *País* do papel, como também na web.

O jornal, que vem avançando na tentativa de integrar as plataformas impressa e *online*, procurou explorar os recursos do meio virtual para ampliar o conteúdo que, no impresso, resumiu-se a pouco mais de seis páginas. Como conta Chico Otávio⁷, a produção para os dois meios se deu de forma conjunta:

A gente trabalhou simultaneamente para as duas plataformas: à medida que avançávamos na série no papel, agregávamos uma aba nova no *online* até completar. No caso da narrativa digital aproveitamos todos os textos, que foram combinados com outras informações. Ainda é um experimento para as redações impressas essa linguagem, mas dá para tirar muito proveito. Mostrou que não é um bicho papão para jornalistas da velha geração como eu, muito pelo contrário, abre mais ainda o campo de possibilidades para a reportagem. Acho que são duas experiências que não concorrem, mas sim que são complementares, agregam. (Chico Otávio, entrevista à autora)

É possível ressaltar que a questão da experiência citada pelo jornalista faz parte do próprio meio, ampliando os limites do trabalho jornalístico. Já quanto à reprodução conjunta do conteúdo podemos afirmar que ela é perceptível pelo fato de partes de textos e fotos se repetirem. Mas, como lembrou o jornalista, a narrativa no formato da web foi reestruturada para a plataforma *online*, com a utilização de vídeos, galerias de fotos, da presença de maior quantidade de personagens e de depoimentos mais extensos. Abaixo dois exemplos comparativos podem mostrar essa maior extensão possibilitada pela web.

⁷ Para melhor entendimento do processo de elaboração da reportagem e sua publicação nas duas plataformas, foi realizada entrevista com Chico Otávio pessoalmente no jornal *O Globo*, no dia 24 de novembro de 2014.



O aprofundamento é o responsável pela qualidade da reportagem. O trabalho apresenta detalhes dos acontecimentos que elevaram o custo da Ponte em quatro vezes o valor fechado com a primeira construtora e atrasar três anos; aponta a supervisão com mãos de ferro pelos militares para concluir as obras ainda no governo Médici; expõe denúncias de exploração do trabalho, com falas de engenheiros e operários, contrapondo números oficiais para ressaltar a morte de trabalhadores por falta de segurança; trata da rapidez no esquecimento dos falecidos e da necessidade de se estar na obra doente, devido ao ritmo acelerado de trabalho, para entrega no prazo; envereda por histórias trágicas, de acidentes na Ponte, curiosas, como um pedido de casamento e o passeio de uma cadela, ou pouco conhecidas, mas recorrentes, como o trabalho de enfermeiros, cobradores, socorristas e pescadores da Baía; além de trazer números diversos sobre o funcionamento do local e polemizar o grande nó da Ponte, o trânsito intenso nos horários de pico, comparando a travessia com a antiga forma existente, a do transporte de carros por barcaças. Sobre o futuro é ainda apresentado na reportagem o longo caminho para a melhora dos acessos em Niterói e no Rio, o que já conta com planos, mas também com previsão de gastos elevados. Pode-se perceber, portanto, que a variedade de assuntos e fontes, ainda maior na web por conta do espaço ilimitado, torna o conteúdo rico.

Esses vários tópicos citados fazem o especial ser constituído a partir de seis subtemas. Em *O Cenário Político* é feita uma volta no tempo para se mostrar o acompanhamento das obras pelo governo militar. *A construção* é uma parte da reportagem que, apesar de também enveredar pela história, tem o foco nas dificuldades para se erguer sob o mar a estrutura e mostra em que consistiu cada etapa da obra. O subtema traz ainda depoimentos em texto e foto de dois operários e do engenheiro responsável. *A Ponte viva* vai além da construção de concreto e dos veículos e se estrutura a partir do relato de pessoas que estão de alguma maneira relacionadas ao local, como as que viveram situações na Ponte ou as que trabalham lá. Toda essa parte é dividida a partir dos depoimentos. Os subtemas *A operação* e *A manutenção* são mais técnicos, trazendo números e informações sobre como é a atividade por trás do funcionamento de uma ponte desse tipo. Por fim, *O futuro* lista os desafios que as próximas concessionárias terão que enfrentar para melhorar o serviço.



A reportagem se estrutura, portanto, segundo seis diferentes tópicos, sendo na maioria extensos. Todos se constituem a partir de fotos e textos e em alguns são utilizados vídeos, infográficos e galerias, recursos que representam a convergência de vários formatos, o que faz o especial poder ser considerado multimídia.

A página é ainda composta por uma barra fixa no topo, que funciona como menu. Nela, o internauta pode clicar em um dos nomes dos subtemas, e será encaminhado para o tópico escolhido. Selecionando *Travessia*, por sua vez, o usuário será levado ao início do especial. Se clicar no símbolo do Facebook, poderá compartilhar a reportagem nessa mídia social. Ao escolher a opção *O Globo*, o usuário é remetido ao site do jornal. Em todos esses casos as palavras funcionam, portanto, como links.



Figura 9: Barra que funciona como menu na reportagem

O link é usado também dentro do texto uma vez. No subtema *O cenário político* a indicação *Leia a carta na íntegra* é um hiperlink que, quando clicado, abre nova aba na internet com carta do neto do ministro dos transportes do governo Costa e Silva repudiando a mudança do nome da Ponte Rio-Niterói. Essa parte da reportagem, no entanto, difere das demais que se iniciam com vídeo, como será mostrado abaixo.



A multimidialidade está presente desde a parte inicial da reportagem devido ao investimento nos vídeos. A narrativa é costurada a partir deles e mesmo assim eles ainda aparecem entre textos e fotos. O emprego do recurso, que combina imagens e sons, é feito de três maneiras: vídeos com acionamento automático a cada novo subtema trabalhado, vídeos com trechos de entrevistas a personagens e vídeos de arquivo.

O primeiro material audiovisual com acionamento automático aparece logo depois da tela inicial. A palavra *Role a tela* aparece procedida de uma seta para baixo e ao seguir a orientação, com o *scroll* do mouse, o internauta faz surgir uma segunda tela, que é um vídeo de cerca de trinta segundos mostrando a ponte sob diversos ângulos e a movimentação de carros. Quando o vídeo chega ao fim se reinicia sozinho num ciclo até o internauta prosseguir com a reportagem. Com essa técnica, o leitor tem maiores chances de acompanhar o vídeo, por não ser ele a dar o comando para a exibição começar, mas ao mesmo tempo seu controle é reduzido. O vídeo roda sozinho, não volta e nem pode ser adiantado. Apenas termina e recomeça novamente.

A mesma técnica é utilizada nos outros cinco vídeos de acionamento automático. Esses, no entanto, demarcam transições de assuntos na narrativa. Toda vez que um novo subtema começa a surgir, aparece um título seguido de breve explicação do que será tratado, e um vídeo ao fundo começa a rodar. Novamente temos o *Role a tela* que convida o internauta a descer até a página do novo subtema aparecer completamente. No geral, esses materiais audiovisuais têm entre vinte e trinta segundos e usam música instrumental como fundo, variando de acordo com o teor do que é tratado. Assim, o subtema *A Ponte viva* possui música com ritmo mais lento do que *A operação*, por exemplo.



Figura 11: Ao chegar a novo subtema vídeo relativo a ele passa a ser rodado ao fundo e comando pede ao usuário que role a tela para o vídeo ser acompanhado por inteiro

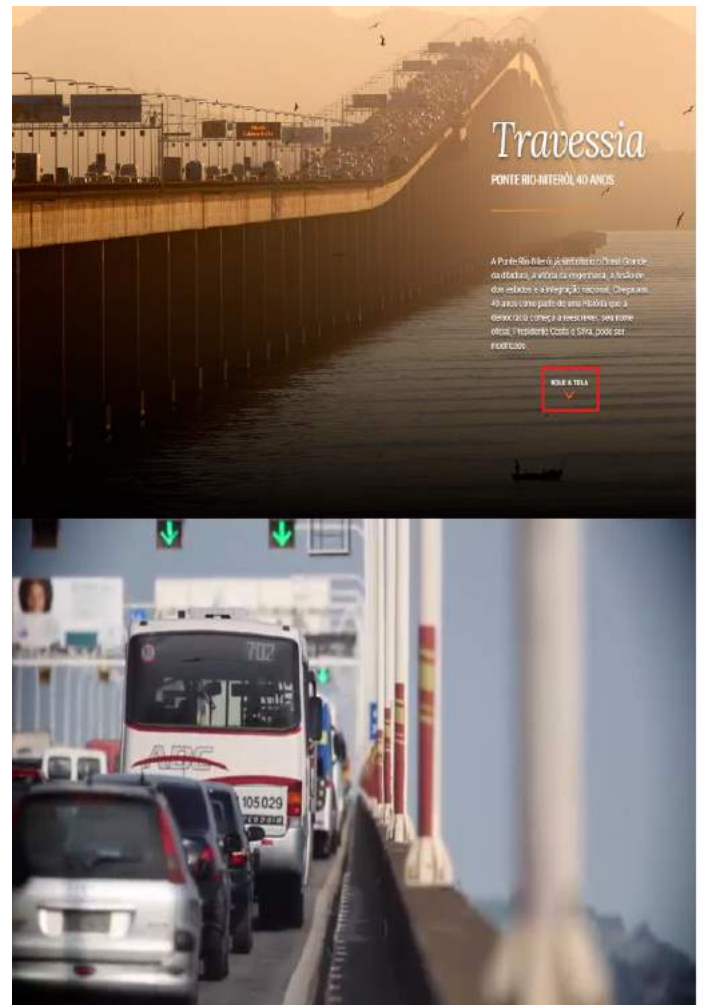


Figura 10: Reprodução de tela da capa da grande reportagem online que aparece logo abaixo dela quando o usuário desce na página

Os demais vídeos da reportagem são com acionamento manual. O leitor tem que clicar no vídeo para ele começar a rodar e pode controlá-lo, dando pausa, adiando ou prosseguindo as imagens. Esses vídeos estão presentes ao longo da narrativa e trazem depoimentos de entrevistados. A maior parte deles está reunida em *A Ponte Viva*. Um dos vídeos, que mostra a oscilação existente na Ponte, se diferencia por ser de arquivo.

Tamirys: cantadas na cabine

Gracejos, cantadas e pedidos inusitados fazem parte da rotina da arrecadadora e auxiliar de pista Tamirys Domas, de 22 anos, que, há quatro, cobra o pedágio na Ponte. Seu primeiro e único emprego até agora já lhe rendeu risadas e boas histórias para contar.

- Tem uma cantada que ouço muito, e várias pessoas fazem questão de dizer. É algo como: "Isso aqui é uma cabine ou um castelo? Porque estou vendo uma princesa aí dentro" - diz ela.

Segundo a arrecadadora, alguns motoristas dão pequenos presentes, como um chocolate ou alguma "comidinha" para agradar. Gorjeta e presentes de alto valor não podem ser aceitos, pois são proibidos pela concessionária.



Ariel: zelador do vão central

Quem zela pelo vão central e pelos dois secundários, único trecho da ponte de aço, com 848 metros de comprimento, é a equipe do engenheiro Ariel Maciel, o caçador de poças d'água. Como responsável pelas estruturas metálicas, sua obsessão é a trinca, denunciada pelas infiltrações que, vez por outra, penetram nos caixões metálicos embaixo das pistas do vão (duas enormes caixas ocas, uma de cada lado, com sete metros de largura, que se estendem por todo o trecho). A luta contra a corrosão é diária, causada principalmente por fadiga nas ligações soldadas.



No passado, quando os ventos sopravam a mais de 60 Km/h, a ponte oscilava mais de um metro para cima e um metro para baixo. Os motoristas, assustados, paravam na pista.

Figura 12: Vídeos com acionamento manual que dividem espaço com o texto na aba *A Ponte viva*



A Galeria de fotos é outra forma de aproveitamento da plataforma. Recurso comumente utilizado na internet como forma de ilustrar algum assunto a partir de coletânea de imagens, as fotogalerias podem estar dentro de matérias ou existir de forma independente nos sites noticiosos, em parte específica para galerias. Na reportagem sobre a Ponte Rio-Niterói esse recurso aparece três vezes: na primeira delas, sem título, com cinco fotos de operários da Ponte, em *Etapas da Construção* da aba *A construção*, com 11 fotos históricas do período de realização da obra, e *40 anos de operação* da aba *A Operação*, com 10 fotos que também resgatam memórias do que já aconteceu na Ponte. As imagens são legendadas e a fotos precisam ser passadas manualmente pelo internauta, a partir de setas laterais que os levam para a próxima foto ou para a anterior.

40 ANOS DE OPERAÇÃO



Figura 13: Fotogaleria *40 anos de operação* com destaque para os comandos de passar as fotos



Composto de fotografias, desenhos e diagramas acompanhados geralmente de algum texto, a infografia é um recurso frequente, embora não específico da internet, no qual as ilustrações conjugadas com informações resumidas permitem um entendimento mais claro de determinado conteúdo.

No caso da reportagem do *Globo* o recurso é utilizado oito vezes, entre elas em *A obra passo a passo*. No formato *online*, infografias que mostram os passos da construção da Ponte ganham recursos específicos do meio, indo além, portanto, de uma mera transposição do conteúdo. Uma barra de botões aparece em cima do desenho, fazendo com que o leitor vá clicando nos números para ver a evolução das obras. Algumas gravuras trazem ainda vídeos de acionamento manual como é o caso de *Escavação*, que contém trecho de dois minutos e onze segundos da entrevista com Bruno Cantarini, responsável técnico da empreitada. No vídeo, ele fala sobre o papel do governo militar na execução da obra e sobre a rotina de reuniões. O arquivo audiovisual, no entanto, não se conecta com a infografia específica, mas sim com todo o assunto da construção, o que permite dizer que ele poderia ser colocado em qualquer uma das etapas ou até mesmo em outra parte da reportagem.



Figura 14: Na aba *A construção da Ponte*, internauta seleciona numa espécie de linha do tempo o momento que quer ver da obra. Além do desenho e da explicação, alguns passos trazem vídeos com acionamento manual (à esquerda) como é o caso de *Fundição*. No impresso esse mesmo passo divide espaço com os outros dez

4.2 O Golpe e a Ditadura Militar



Os 50 anos do Golpe Militar foram lembrados em eventos, palestras, passeatas e também em muitas matérias especiais. No caso da *Folha de S. Paulo* o assunto também foi destaque. O jornal investiu especialmente na plataforma *online* para tratar do tema em um trabalho que contou com a participação de 30 pessoas, entrevistas e pesquisas em arquivos e institutos por imagens, vídeos, áudios e informações.

O trabalho fez parte de série intitulada *Tudo sobre*, “que reúne grandes produções multimídia” e “foi encabeçada pelo especial “A Batalha de Belo Monte””, em dezembro de 2013, exigindo “dez meses de apuração para o lançamento” (BACCIN e DANIEL, 2015) Apesar do objetivo multimídia, o *Tudo sobre* se estendeu também, já com Belo Monte, à plataforma impressa e à TV Folha. Hoje no *online* a série reúne além dessas duas, um especial sobre o que seria a falta de estrutura do país para dar conta de mudanças climáticas e outro sobre a seca em São Paulo e no Nordeste.

No caso da ditadura, o *Tudo sobre* também teve sua versão impressa, mas somente na plataforma *online* o tema ganhou a profundidade esperada para ocasião ao ser trabalho em uma grande reportagem multimídia. O especial da *Folha* concentra seus esforços na web, trazendo no impresso no dia 30 de março apenas editorial sobre a ditadura, estatística sobre convicção na democracia e outra, em contraposição, sobre corrupção nesse sistema político, entrevista com ministro do trabalho do presidente deposto, que no *online* ganha vídeo e é aproveitada em vários momentos, além de colunista falando sobre os debates ocorridos em abril. No dia 1º daquele mês, o assunto seria trabalhado somente na capa a partir de fotos de desaparecidos. Diante do conteúdo que será exposto a seguir, poderá ser mostrado como na internet as apostas foram bem maiores.



A análise do conteúdo da reportagem da *Folha de S. Paulo* permite a constatação de um mergulho profundo na história e em seus reflexos no presente. Composto por cinco abas de matéria, subtemas dentro do assunto “ditadura”, o especial discute os eventos que antecederam o golpe até os que o sucederam e se desenrolam ainda hoje, como a luta por justiça aos mortos e desaparecidos durante o regime.

Em *A crise* mostra-se toda a instabilidade que caracterizou o governo João Goulart, com destaque para a tentativa de golpe pelos próprios militares em 1961 para conter o que acreditavam ser a ameaça comunista chegando ao Brasil naqueles tempos da Guerra Fria. Outro enfoque dado foi a relação difícil do presidente com o Congresso, dominado pela oposição.

A *ditadura*, por sua vez, pode ser considerada o coração da reportagem. A aba apresenta o aumento da repressão que começou como uma “arrumação da casa” com prazo para acabar e cria polêmica de duas formas. A primeira ao trazer a informação de que os guerrilheiros que se organizavam tinham a intenção de instaurar uma ditadura comunista no país depois de tirar os militares do poder, o que estaria em documentos encontrados nessas organizações e é reiterado em fala de sociólogo. Mais à frente, a matéria traz depoimento forte de tenente-coronel que combateu no Araguaia, afirmando não saber quantos matou e não se importar com isso.

O milagre econômico é o foco de discussão de *A economia*. As mudanças que começaram a ser tocadas por Castelo Branco e se expandiram com Costa e Silva são colocadas em xeque pelo fato da reportagem também mostrar que na corrida por maior crescimento nacional e aceitação do governo, o Brasil teria sido ambicioso demais, deixando um rastro de dívidas e problemas no fim do regime.

Esse fim e as questões relacionadas a ele hoje são trabalhados nos tópicos *A abertura*, com um histórico do que levou Geisel a buscar a saída do poder e a reconstituição do partido de oposição, e *O acerto de contas*, que coloca em questionamento a Lei da Anistia ser extensiva aos militares e traz comparações com as situações vividas em outros países.

Além das matérias, o especial conta ainda com a aba *E se...*, na qual colunista opina sobre qual seria a realidade hoje se uma série de situações que se desenrolaram em 1964 não tivessem acontecido. *Artigos* é outra aba de opinião que reúne textos sobre a política externa, a cultura e a atuação da mídia durante a ditadura, assuntos que não tinham entrado em discussão em outros momentos da reportagem.



Essas sete abas de conteúdo se somam a outras duas – *Fontes e referências*, com materiais de pesquisa sobre o período, e *Expediente*, que traz a listagem da equipe – para

compor as dez que fazem parte do menu da grande reportagem. Presente no lado direito da barra fixa com a logo da *Folha* e a chamada *Tudo sobre a ditadura militar*, o menu, quando acessado, deixa a página vermelha. Ao selecionar um dos subtemas, ele se destaca em branco. O menu conta ainda com link para o compartilhamento do especial nas redes sociais. Uma vez aberto, no entanto, o recurso não permite a volta para a página que se estava lendo, nem clicando no nome do subtema, nem novamente em menu na barra fixa. Outra forma de ver os demais subtemas é clicando em seta voltada para baixo ao final da matéria que encaminha o internauta para a seguinte.



Figura 15: Captura de tela do menu acessível em barra fixa de todos os subtemas

Apesar de longo, o texto tem uma série de pausas entre os parágrafos ou ao lado deles, com diferentes recursos multimídia. Alguns desses recursos já estão presentes logo no início do especial, buscando atrair o leitor em um primeiro contato. É o caso do abre da reportagem: um parágrafo que cita as eleições de 2014 e faz referência aos últimos três presidentes que sofreram de alguma forma os impactos da repressão da ditadura militar. Automaticamente surge na página uma espécie de marcador que coloca sombra na maioria das palavras, fazendo com que apenas algumas fiquem em destaque e se construa a frase: “50 anos depois do golpe de 1964, a ditadura militar ainda incomoda o país.”

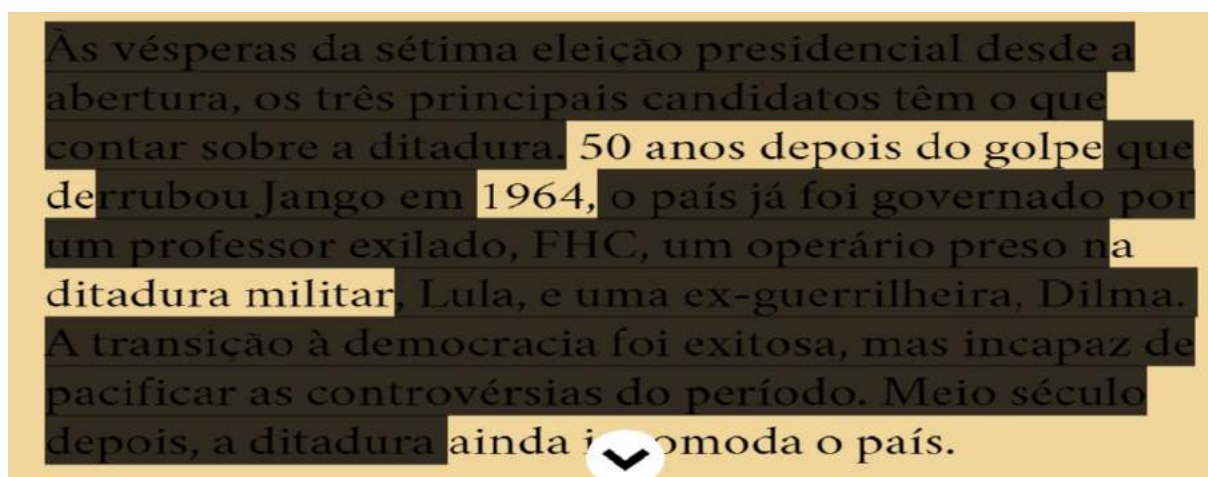


Figura 16: Sombra ainda permite que todo o texto seja lido, mas enaltece a mensagem do veículo

A abertura das outras abas que possuem matéria também traz imagens em movimento. Fotos em preto e branco relacionadas ao tópico vão sendo sobrepostas e à frente delas aparece o título da aba. Em todas, exceto em *O Acerto de Contas*, no canto inferior direito desta montagem aparece a imagem de algum político relacionado ao assunto que será tratado. Na aba *A Crise*, por exemplo, as fotos que se sobrepõem são de manifestações, e o personagem é o presidente deposto João Goulart. Neste caso específico ainda há um áudio, que começa com comando próprio e traz trecho de discurso acalorado de Jango na Central do Brasil. O comício, no dia 13 de março de 1964, aumentou a antipatia dos militares por Jango. Não ouvir o áudio, tanto neste caso, como durante toda a reportagem, também é uma opção dada ao leitor, através de caixa de som na barra fixa. Clicando nela o especial fica mudo.



Figura 17: Alto de página da aba *A crise* traz áudio. Em vermelho, o destaque para a caixa de som que permite deixar a reportagem sem som

Ao final do subtema, o recurso do áudio novamente ganha espaço, desta vez em arte que resume a ajuda dos Estados Unidos aos golpistas, com a justificativa de conter a “ameaça comunista” no momento de embate com a União Soviética. São fornecidos quatro áudios com conversas entre o então presidente Kennedy e o embaixador dos EUA no Brasil, e de Lyndon Johnson, que assumiu a presidência depois do assassinato de Kennedy, dando autorização para o auxílio.



Os vídeos são recursos intensamente explorados na reportagem da *Folha*. O jornal parece perceber as possibilidades de tratamento e apresentação do audiovisual na web e investe em um trabalho mais detalhado nesse recurso. Um exemplo é o vídeo *A Marcha do Golpe* da aba *A Crise*. Em forma de animação, o material audiovisual detalha o passo a passo

que antecedeu o golpe de Estado dos militares e a saída de Jango do país no dia 2 de abril. Em um mapa, bonecos recebem movimentos para ilustrar o cerco ao Presidente, enquanto nomes dos militares envolvidos, junto com seus cargos e fotos, aparecem em jornais a cada passo que eles tenham participado. Ao fundo, narradora explica verbalmente o que as imagens mostram. O vídeo de pouco mais de três minutos tem função didática dentro da reportagem.



Figura 18: Animação que explica o movimento dos militares para afastar Jango e tomar o poder

Esse tipo de vídeo, no entanto, só aparece uma vez na reportagem, diferentemente dos trechos de entrevista. São duas as maneiras como são utilizados: em depoimentos individuais sobre diferentes assuntos ao longo da narrativa ou em coletânea de falas ao final da reportagem. No primeiro caso, os vídeos surgem todas as vezes que se colocaria em forma de texto alguma fala, mostrando, portanto, uma lógica diferente de aproveitamento do meio. Os materiais vão desde uma frase de 17 segundos, como a de Delfim Neto afirmando que não houve milagre, mas sim trabalho, na aba *A Economia*, até um pouco mais extensos, como o de 52 segundos de Fernando Henrique Cardoso tratando das mudanças do partido de oposição já no processo de redemocratização. Esses vídeos possuem acionamento automático. Ao descer a página, carregam sozinhos e começam a rodar, mas mantêm os comandos de pausa, play, volume e tela cheia, para maior controle do leitor.

Já a coletânea de depoimentos é empregada duas vezes, a primeira na introdução, na qual doze especialistas opinam sobre os motivos que levaram à queda de Jango, e a última em *O Acerto de Contas*, ao final da grande reportagem, na qual também doze pessoas, entre elas dez da primeira coletânea, comentam a lembrança que os marca de 1964. Todos os vídeos são em preto e branco, ficam destacados em vermelho quando sob o mouse, e abrem em janela maior quando clicados.



Figura 19: Coletânea de vídeos da Introdução traz 12 diferentes opiniões sobre o golpe

Um último tipo de vídeo, além dos listados, é o de acionamento manual constituinte dos recursos laterais, sendo, portanto, comentado, no momento da realização da análise dessas outras ferramentas do meio.



Presente em quatro dos cinco subtemas de matéria da grande reportagem, a *Galeria de Fotos* é bem explorada ao longo da narrativa e chega a ser usada duas vezes na aba *Ditadura* e três em *Abertura*, sempre com igual número de imagens em cada fotogaleria. O recurso ganha um material rico no caso do especial da *Folha* por trazer fotos de arquivo fortes e históricas, muitas das quais que se tornaram emblemáticas do que foi vivido na ditadura.

Um diferencial do emprego da fotogaleria na reportagem é a forma como ela é apresentada. Ao invés de setas que façam surgir novas imagens na tela, ferramenta também chamada de “passa foto”, as galerias da *Folha* valorizam cada uma das imagens ao posicioná-las uma embaixo da outra. O leitor acompanha as fotos como uma narração própria dos acontecimentos e não tem como não vê-las. Isso porque ao chegar na primeira foto da galeria, descendo a página com o *scroll* do mouse, as outras aparecem seguidas de um box vermelho, que traz a descrição do que é a cena retratada. Além disso, essa estrutura permite que as fotos

possuam grandes dimensões, ocupando toda a extensão da tela sem dividir o espaço com o texto das matérias, o que confere importância às fotografias e permite falarmos também em uma fotorreportagem.



Figura 20: Galeria da aba A ditadura que traz imagens de militantes mortos em confrontos com a polícia, como o estudante Edson Luis, que causou comoção nacional em 1968



O fato de a reportagem ter como suporte a web é lembrado de maneira recorrente pelo internauta. Isso porque durante toda a narrativa, variados tipos de recursos surgem na tela. Enriquecimentos audiovisuais e sonoros, imagens, quadros-síntese e gráficos oferecem ao leitor complementos informativos que ajudam a explicar melhor ou resumir o que é dito ao lado, na forma de texto.

Ao caminhar com a leitura e descer a página, na lateral direita dela, podem aparecer uma pequena televisão, que convida à exibição de vídeo sobre o que é tratado; um rádio antigo que traz áudio de época; alguma foto, geralmente de cartazes; boxes, com a disponibilização do conteúdo em forma de tópicos; ou ainda pequenos gráficos que trazem estatísticas. Esses recursos surgem sempre com um mesmo efeito, um movimento de rodopio de fora para dentro que termina por mostrar de frente as animações. Além dos benefícios já

citados esses recursos laterais dão, por conta desse movimento, um dinamismo à reportagem estática, proporcionando descansos da leitura.

Em outros casos, os resultados têm sido frustrantes. Convocado pela comissão em maio de 2013, o coronel Ustra usou a oportunidade para confrontá-la. “Quem deveria estar sentado aqui é o Exército brasileiro, não eu”, disse, num sinal de desconforto com o fato de ser responsabilizado sozinho pelas mortes no DOI-Codi. “Estou aqui porque os terroristas foram eleitos, dentro da democracia que preservamos.”



Figura 21: Exemplo de vídeo da aba *O acerto de contas*. De acionamento manual, ele aparece como recurso lateral

Figura 22: Outros recursos que aparecem ao lado do texto. Da esquerda pra a direita: rádio com áudio (clicando na setinha começa a rodar o som) da aba *A Abertura*, cartaz de pessoas procuradas e um dos boxes que resumem os Atos Institucionais da aba *A Ditadura*, e exemplo de gráfico, da aba *A crise*, neste caso sobre a composição da Câmara, na época do governo de João Goulart, que sofreu o golpe.

“LENTA, GRADATIVA E SEGURA”
Ouça um trecho do discurso de Geisel



Fonte: Arquivo Nacional



Cartaz do regime exibe fotos de Carlos Lamarca (acima), Lara Lavelberg, Maniano Joaquim da Silva (abaixo, à esquerda) e James Allen Luz

PODERES EXCEPCIONAIS

Atos institucionais deram aos governos militares poderes para perseguir opositores

AI-5

13 de dezembro de 1968

- Deu novamente ao presidente o poder de fechar o Congresso, Assembleias e Câmaras. O Congresso foi fechado por tempo indeterminado no mesmo dia
- Renovou poderes conferidos antes ao presidente para aplicar punições, cassar mandatos e suspender direitos políticos, agora em caráter permanente
- Suspendeu a garantia do habeas corpus em casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e a economia popular
- Deu ao presidente o poder de confiscar bens de funcionários acusados de enriquecimento ilícito

CORRELAÇÃO DE FORÇAS

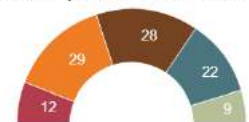
Partidos conservadores tinham a maioria na Câmara dos Deputados no governo Goulart

■ Outros partidos de esquerda
■ PTB
■ PSD
■ UDN
■ Outros partidos conservadores

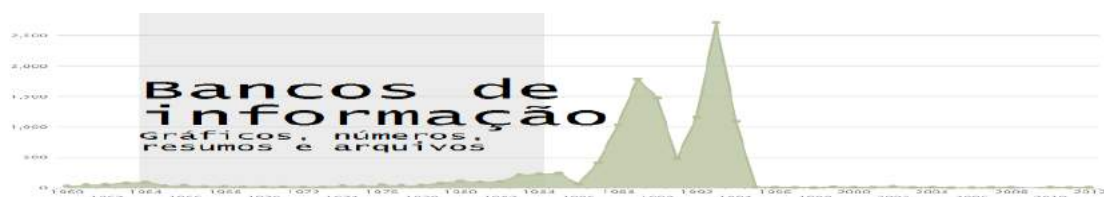
No início do governo % de cadeiras:



Após as eleições de 1962 % de cadeiras:



Fonte: Argelina Cheibub Figueiredo, “Democracia ou Reformas?”



Além do conteúdo lateral, outra forma de sintetizar informações que no texto poderiam confundir o leitor, devido à quantidade de dados, é uso de gráficos, listas de números, resumos de personagens, além de banco de consulta a arquivos. Mais do que soluções para organizar informações, esses recursos, no entanto, mostram o nível de aprofundamento que a equipe da *Folha* consegue dar ao tema, dando um sentido a cada uma das utilizações. O veículo parece, assim, buscar uma radiografia do período da ditadura, apesar da cultura e outros temas relativos ao período serem abordados à parte.

Do milagre à bancarrota da aba A Economia é um exemplo. O subtema apresenta um conjunto de seis gráficos em que é feito um levantamento minucioso do PIB, da inflação, da dívida externa, do comércio exterior e do índice de desigualdade dos anos 1970 para tentar mostrar o que o milagre daqueles anos traria como consequência para a economia nos seguintes. É feito um cruzamento de dados do IBGE, do Banco Central, da FGV e do IpeaData, centros de referência brasileira na área, para reconstituir aquele período, o que provavelmente demandou um trabalho de apuração cuidadoso e, portanto, característico de uma grande reportagem. Clicando em cada um dos pilares econômicos novos gráficos são abertos.

Do milagre à bancarrota

Os governos militares modernizaram a economia brasileira, mas não conseguiram sustentar o ritmo acelerado de crescimento da década de 70 sem criar dificuldades para a administração da economia na democracia

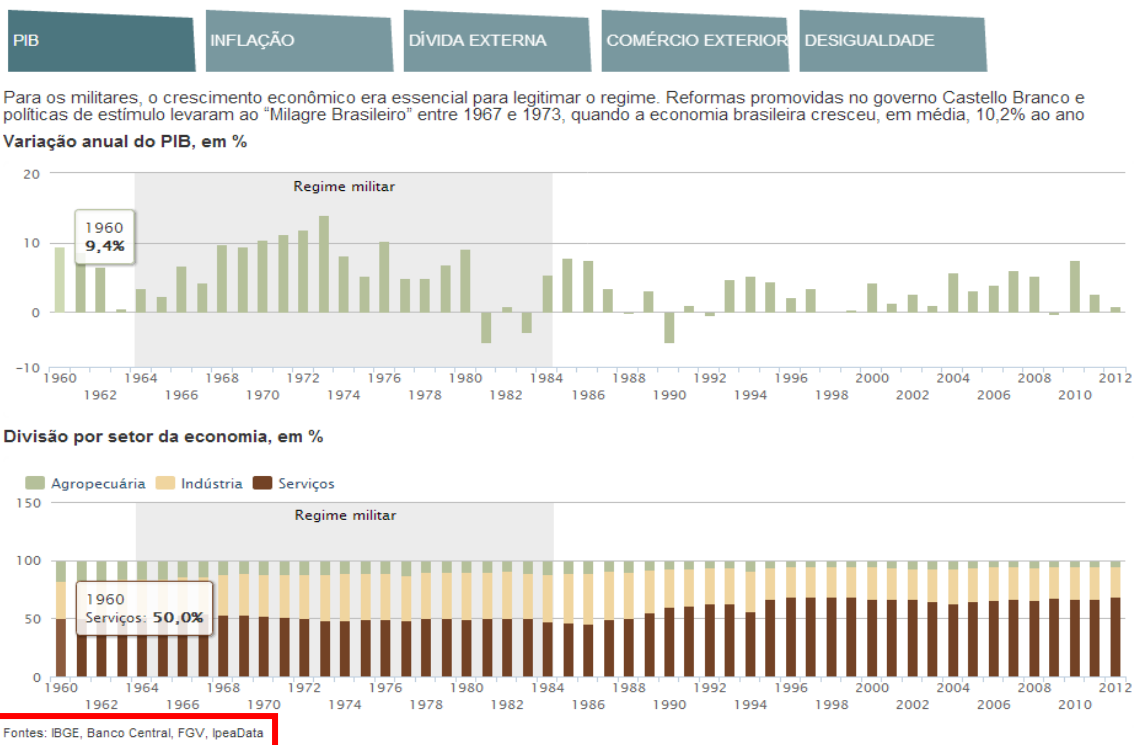


Figura 23: Gráficos do PIB dentro de conjunto que organiza informações da economia no período

A pesquisa também foi o diferencial no caso de três outros recursos. Ao final da aba *A Ditadura*, uma arte traz dados de cada um dos governantes do período. São resumidas as linhas que seguiam, promessas e principais ações que desempenharam. Abaixo são listados os anos no cargo; o número de punições que instituíram; o número de militantes mortos durante seu governo; a quantidade de denúncias de tortura; o número de dias com o Congresso fechado e, portanto, sem nenhuma liberdade política, além da taxa média do crescimento do PIB. Novamente o jornal se baseia em informações de três fontes para a coletânea de dados.

Estruturalmente a arte faz um trocadilho com o famoso livro *Cinquenta tons de cinza* e apresenta as informações de cada governante em fileiras verticais. Apenas as sombras ficam perceptíveis até o internauta encostar com o mouse no ditador que quer conhecer. As informações, então, recebem cores, assim como a foto.

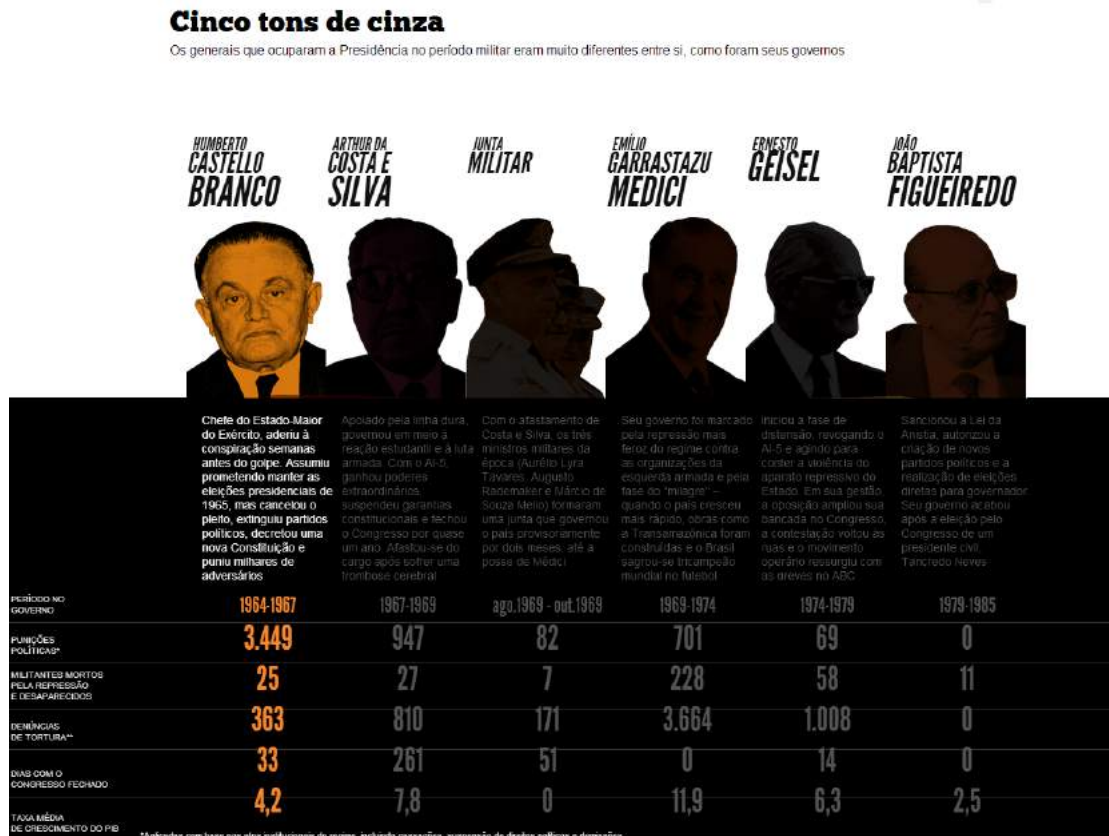


Figura 24: Recurso ao selecionar Castello Branco na arte. Os outros personagens ficam sem destaque

O perfil de políticos ganha ainda uma segunda estrutura de apresentação na grande reportagem, em quatro dos temas que a compõe. Nessa reformulação, fotos e pequenos resumos de cada personalidade são listados lado a lado. O objetivo, no entanto, continua o mesmo, de condensar a informação e transmiti-la de maneira mais clara. Podemos falar ainda na forma de navegação diferenciada, que aposta na apresentação dos resumos de maneira não estática, e portanto a emergência de um novo formato, uma opção ao texto corrido com maior aproveitamento do suporte.



Figura 25: Resumo de personagens do período no âmbito econômico, na aba *A economia*

A grande reportagem pensada para a web propicia ainda uma construção que no impresso perde parte de seu potencial: um banco de dados reunindo informações a respeito de pessoas mortas e desaparecidas durante a ditadura. Tais informações, a rigor, estariam acessíveis a quem as procurasse através de sites de busca como o Google, que pode levar a fontes confiáveis, mas a diferença é o tratamento dado pelo jornal a esse material.

No papel, foto de manchete trazia pessoas segurando imagens antigas. Revelavam-se cinco rostos e o que aconteceu com eles. Na reportagem *online* os cinco se transformaram em 356. A aba *O Acerto de Contas* traz toda essa quantidade de identificações de forma interativa para o leitor. Pequenos bonecos na cor vermelha indicam pessoas mortas e, na cor azul, desaparecidas durante a ditadura. Clicando nos ícones, organizados em ordem alfabética, aparecem no canto lateral direito da arte os detalhes sobre a pessoa, com fotos delas, quando conseguidas, nome, ano da morte ou do desaparecimento, idade, organização a que era filiada, o valor da indenização concedida à família a partir de lei de 1997 e o valor reajustado hoje, além de um resumo da relação da pessoa com a militância política.



Figura 26: Ao lado capa da Folha com detalhamento de cinco mortos/desaparecidos na ditadura e acima o banco de dados em escala muito maior e com aproveitamento de recursos no online

Há várias opções de constituição deste grande banco de dados. O recurso traz a possibilidade de o internauta navegar através da visualização por sexo, idade, ano de morte ou desaparecimento, e organização a que a pessoa era filiada, podendo ainda filtrar a busca em todos esses casos e ver a lista só dos mortos, só dos desaparecidos ou de todos misturados. É interessante ressaltar que o leitor pode também pesquisar um nome de seu interesse no campo *Localizar a pessoa*, o que contribui para a ligação dele com a reportagem.

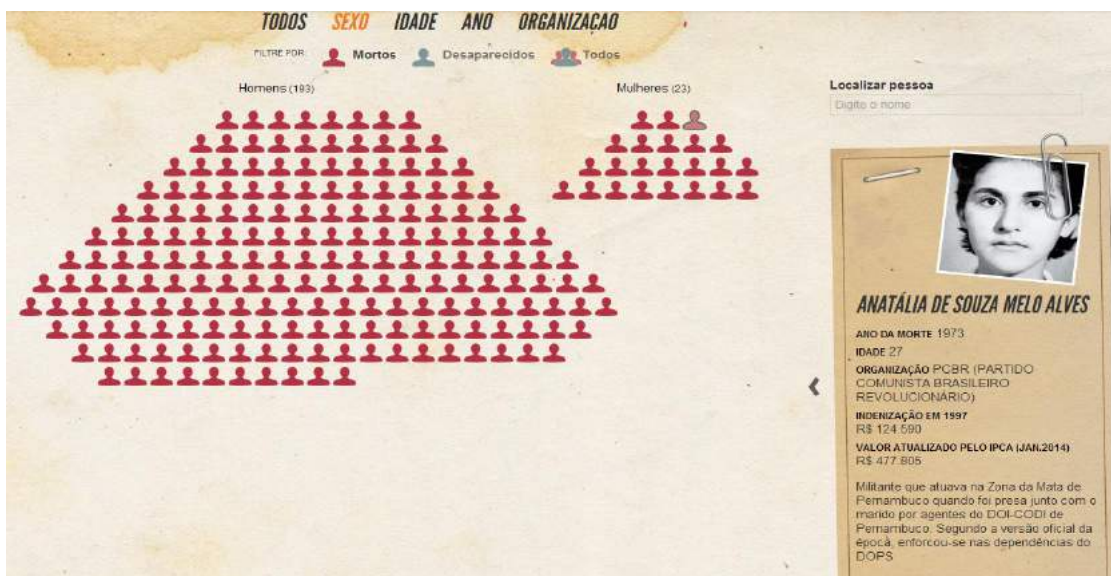


Figura 27: Organização dos dados por sexo com a utilização do filtro *Mortos*

O único problema a ser apontado nesse recurso é o questionamento em torno de como a pessoa é considerada desaparecida ou morta. Um exemplo é a militante da VPR Alceri Maria Gomes da Silva e seu companheiro de organização Vitor Ramos Carlos. Considerada morta, Alceri “morreu em circunstâncias não esclarecidas”, como informa a descrição, tendo sido “enterrada como indigente em São Paulo e seu corpo nunca foi encontrado.” Já Vitor teria morrido tentando voltar ao país do exílio junto com grupo de militantes da VPR, sendo eles “mortos por militares perto de Foz do Iguaçu (PR). Os corpos nunca foram encontrados”. Apesar de ser dito que ele está morto, sua classificação fica entre os desaparecidos. O fato de o corpo não ter sido encontrado poderia ser uma justificativa, que perde o sentido ao compararmos com o caso de Alceri, também não encontrada, mas que figura entre os mortos. Esse, no entanto, pode ter sido um problema de classificação dos próprios órgãos de pesquisa que a *Folha* consultou.

FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil

50 ANOS DO GOLPE DE 1964

Apesar de não ser um exemplo entre os selecionados para a análise deste trabalho, é interessante citar também a existência de um outro especial multimídia da *Folha* sobre a ditadura. O grupo de dez trainees do jornal, além de designers, ilustradores e coordenadores, num total de dezoito pessoas, produziu um material próprio sobre a data. A reportagem *Os 50 anos do Golpe de 1964* se baseia em recursos visuais apenas. Sem texto corrido, o especial conta com um parágrafo resumindo a data e quatro diferentes tipos de apresentação de conteúdo: o passo a passo do golpe a partir de ilustrações sobre cada hora que o antecedeu; resumo de todas as intervenções militares no país, a partir de livros que podem ser selecionados em prateleira; uma arte com 52 nomes de pessoas relacionadas à ditadura; além de outras ilustrações que comparam o Brasil de 1964 com o de 2014.



Figura 28: De cima para baixo da esquerda para direita: passo a passo do golpe, lista de nomes ligados à ditadura, livros cada um sobre um evento que contou com interferência militar e ilustrações comparativas 1964/2014

4.3- HQ: Meninas em Jogo



Reportagem da jornalista Andrea Dip e do quadrinista Alexandre De Maio foi publicada no dia 14 do mês de maio deste ano na *Pública*⁸, agência de reportagem e jornalismo investigativo. O trabalho foi inscrito no Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo e a equipe ganhou bolsa para, durante três meses, percorrer o Ceará desvendando suposta rede de exploração sexual de meninas para a Copa do Mundo.

O uso do formato de história em quadrinhos é o diferencial da reportagem. Ao optar por um relato pautado em desenhos que se sucedem a repórter investiu em um modelo atrativo para o leitor, que é convidado a sentir curiosidade e avançar para o próximo capítulo. Os quadrinhos, no entanto, poderiam ser usados em qualquer suporte e a reportagem acaba por não explorar a potencialidade do ambiente virtual, como dando a opção do internauta clicar em balões para abrir outras informações, por exemplo.

Estruturalmente *HQ: Meninas em Jogo* é uma coletânea de pequenas histórias divididas, como em um romance, em capítulos. Andrea Dip, lembra da possibilidade do leitor conhecer a produção da reportagem, o que geralmente não é feito:

A narração em quadrinhos traz alguns recursos novos. Permite, por exemplo, que o leitor acompanhe o processo da reportagem enquanto ela é feita, o repórter está em cena, pesquisando, entrevistando, e muitas vezes dando com os burros n'água também, e o leitor está ali, descobrindo junto. É uma forma que considero muito honesta e ao mesmo tempo subversiva de fazer jornalismo (DIP, 2014)

Ela, no entanto, não deixa de ressaltar os desafios do emprego dessa forma “subversiva”, entre eles a necessidade de se ver como personagem, e a diferença nos processos de concepção:

Em uma reportagem escrita, você pesquisa, vai a campo, faz entrevistas, volta para a redação, transcreve tudo, lê e depois escreve: campo, aspas, dados. Com quadrinhos o processo se parece mais com um roteiro de filme que precisa ser criado ao longo da investigação (Ibidem)

⁸ Em seu site a Pública se define como “pioneira no Brasil” ao apostar em um “modelo de jornalismo sem fins lucrativos para manter a independência”. A missão seria a de “produzir reportagens de fôlego pautadas pelo interesse público, sobre as grandes questões do país do ponto de vista da população – visando ao fortalecimento do direito à informação, à qualificação do debate democrático e à promoção dos direitos humanos” Disponível em: < <http://apublica.org/quem-somos/#sobre> > Acesso em: 12/10/2014

I. A linguagem dos quadrinhos

A análise desta reportagem exige uma abordagem prévia sobre a linguagem dos quadrinhos. Moacir Cirne era uma referência na área. Em seu livro *Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada* (1975) ao abordar as relações entre o cinema e os quadrinhos, o autor analisa aspectos de cada uma das linguagens e as influências mútuas entre elas, que tem como discurso narrativo a imagem. Cirne, no entanto, fala na existência de “leituras particulares para cada prática estética”, ressaltando que não se pode ler uma história em quadrinhos “como se lê um romance, uma obra plástica, uma gravação musical, uma peça de teatro, ou até mesmo uma fotonovela ou um filme” (CIRNE, 1975, p.15) Esse caráter único se deve ao fato de cada prática ter a sua expressão. A dos quadrinhos seria a elipse.

A narrativa dos quadrinhos funda-se sobre o salto de imagem em imagem fazendo da elipse (resultante do emprego numeroso, visto que necessário, de cortes espaciais e espaço-temporais) a sua marca registrada: a narrativa dos quadrinhos funda-se sobre a descontinuidade gráfico-espacial, portanto (CIRNE, 1975, p.40)

Essa descontinuidade consistiria no fato de nem todas as ações serem explicitadas entre um quadro e outro das HQs. Alguns exemplos: o reencontro de dois personagens. Eles aparecem em uma cena olhando nos olhos um do outro. Em seguida, é feito um corte e no quadro posterior eles estão abraçados. O gesto de abrir os braços, se aproximar para finalmente o abraço acontecer é ocultado. Da mesma forma, em uma luta em dado momento um dos personagens pode correr em direção ao outro ameaçando chutá-lo. No quadro seguinte o chute já aconteceu. Não aparece o personagem levantando a perna, tomando, impulso, se aproximando para depois chutar. No processo de entender a narrativa, o leitor faz o que é chamado de catálise, o preenchimento desses *gaps*, do conteúdo implícito, a partir da imaginação.

Fábio Ballmann (2009) também caracteriza em sua dissertação a linguagem dos quadrinhos e enumera entre os atributos das HQs a sinestesia, a sequência, a diagramação e o enquadramento. O autor fala ainda das aliterações, mas neste caso, avalia que seu uso específico se dá nos quadrinhos de super-heróis.

Entendida como a mistura de sentidos, a sinestesia seria “o ponto de contato (...) com a literatura”, por “provocar reações no leitor através de um meio puramente visual”, proporcionando “estímulos” aos variados sentidos. (BALLMANN, 2009, p.92) Para o autor, seriam exemplos desta mistura de sentidos os balões de fala e pensamento; as onomatopeias, com a representação de sons; os sinais gráficos que ilustram as emoções; e a presença de

linhas rastreando o movimento dos corpos de personagens e representando, por isso, o movimento.

A sequência estaria, segundo ele, no coração dos quadrinhos e poderia ser definida como “a sucessão de requadros narrativos, encadeados de uma forma tal que possibilitem a compreensão, por parte do leitor, da trama que se está narrando.” (Ibidem, p. 117) Nesta sucessão de cenas, cada quadrinho é chamado de requadro ou vinheta tendo suas bordas delimitadas por tarjas pretas chamadas de sarjeta.

Diagramação, por sua vez, seria a disposição desses requadros na página e, de acordo com Ballmann, teria dois níveis: o primeiro relativo ao formato de cada requadro, geralmente em forma de retângulo, e o segundo, que se refere ao conjunto em si dos requadros e como eles são dispostos.

Se a diagramação se preocupa com o formato, o enquadramento mergulha nele. É o momento em que a chamada nona arte⁹ mais se aproxima de outra:

Uma vez que o requadro é o recorte que o artista pretende mostrar ao leitor, existe uma escolha consciente de quais limites serão abordados por este recorte. É a mesma técnica usada por diretores e cinegrafistas ao escolherem o tamanho da objetiva numa filmagem. Existem então planos e ângulos diferentes.

Surge assim a caracterização dos quadrinhos em planos, podendo ir desde o geral, quando é mostrada toda a cena de forma panorâmica, até o primeiríssimo plano ou *close up*, que entra na cena para mostrar um detalhe específico.

A relação dos quadrinhos com a reportagem tem em Joe Sacco um expoente. Ele publicou uma série de nove gibis que se transformariam em dois livros, o primeiro deles *Palestine: A Nation Occupied* (*Palestina: uma nação ocupada*), de 1993. Sacco, que se formou em jornalismo, mas por anos exerceu a profissão de quadrinista, acompanhou o desenrolar da guerra do Golfo Pérsico e ao ouvir de um palestino que eles não tinham voz, decidiu fazer uma grande reportagem no formato de quadrinhos sobre este povo. Como contam Ana Paula Oliveira e Mateus Passos (2006), nesta primeira obra Sacco descreve em cinco capítulos o cotidiano dos campos de refugiados, a prática da tortura, a vida das

⁹ A divisão das artes teve início com o surgimento do cinema que levaria o crítico italiano Riccioto Canudo considerá-lo a mais completa arte. Ele publicou em 1923 manifesto delimitando quais seriam as sete artes: a música, a dança, a pintura, a escultura, a literatura e por fim o cinema, a sétima arte que integraria todas as outras. Depois de Canudo outros autores, ao verem a necessidade de novas classificações deram prosseguimento à ideia e surgiram assim a oitava arte (fotografia), a nona (quadrinhos), a décima (jogos de computador e de vídeo) e a décima primeira (arte digital 2D e 3D) Disponível em: <<http://quadro-a-quadro.blog.br/?p=4082>> Acesso em: 16/11/2014

mulheres. Na segunda intitulada *Palestine: In the Gaza Strip (Palestina: Na Faixa de Gaza)*, de 1996, o leitor pode conhecer o resultado de dois meses de apuração ouvindo os palestinos civis.

Sacco, entretanto, não foi o pioneiro nessa experiência. Oliveira e Passos citam o trabalho do americano Art Spiegelman em *Maus: a história de um sobrevivente* (1980),

uma entrevista no formato de HQ, estendendo-se por mais de 300 páginas. O entrevistador é Spiegelman e o entrevistado Vladek, seu pai, que relata ao filho sua juventude em guetos de judeus na Polônia e seu confinamento em Auschwitz. Embora os personagens sejam graficamente animalizados (...), as situações descritas são reais (OLIVEIRA e PASSOS, 2006, p.3)

O segundo volume do livro, lançado em 1991, com esse relato do Holocausto mais aprofundado, renderia a Spiegelman o prêmio Pulitzer do ano seguinte. A presença do repórter na matéria é ainda interessante de ser ressaltada, já que no caso da reportagem que analisaremos, ela também ocorre.

II. Análise da reportagem

A reportagem *HQ:Meninas em jogo* é baseada em abas. O leitor pode acompanhá-la na sequência ou ler os capítulos que mais lhe interessam, segundo o método de leitura não linear discutido no capítulo anterior.

Uma barra na parte superior é dividida em prólogo, capítulos de um a cinco, making of e “baixe em pdf”, que permite o armazenamento da história em quadrinhos.



Figura 29: Detalhe do menu no topo da página com as abas que levam aos diferentes capítulos

A navegação se dá com a utilização das setas da barra de rolagem lateral direita da tela ou com a utilização do *scroll* do mouse, que permite subir ou descer os desenhos. Ao final de cada capítulo, aparece um botão convidando o leitor a voltar ao topo e selecionar na barra fixa da parte superior o próximo capítulo. Há ainda espaço para comentários, tanto na própria

página quanto no Facebook, o que possibilita uma interatividade com o público. Os comentários são fixos. Apesar de não haver o número de visualizações, ao todo são 13 comentários na página e sete via rede social. No geral, dez internautas elogiaram o formato em quadrinhos empregado.

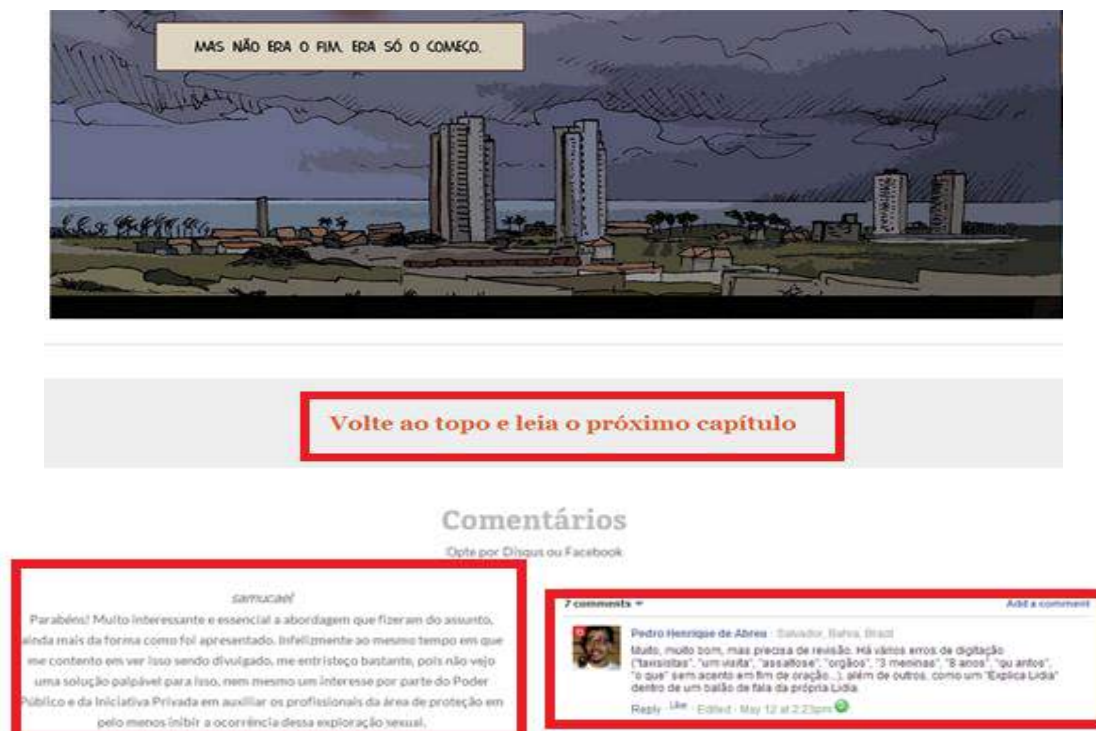


Figura 30: Detalhe da barra ao final da matéria que encaminha ao menu e da seção de comentários divididos entre publicação na página e nas redes sociais

Capítulos: conteúdo

Cada capítulo da reportagem se constitui a partir de um assunto específico dentro do tema da exploração sexual. Sendo assim, o prólogo consiste na narrativa do surgimento da ideia para a investigação e do relato do que foram os passos iniciais em uma pré-apuração com o objetivo de se conhecer melhor o assunto, enquanto o primeiro capítulo tem como objetivo traçar um panorama que permita ao leitor conhecer o tema. Para tanto conta com o passo a passo do que deveria ser feito para denúncia da exploração sexual, além de trazer falas de especialistas na área tais como Defensora pública, juíza da 12ª Vara Criminal, presidente nacional da Central Única de Favelas (Cufa). Neste caso, portanto, podemos ver um processo de apuração e redação semelhante ao de uma reportagem tradicional, com a ratificação do que é tratado a partir do discurso da autoridade.

O segundo capítulo é um dos ápices da reportagem por reunir as histórias verídicas de duas meninas menores de idade que foram exploradas sexualmente e hoje vivem em abrigo. O capítulo se estrutura a partir da reconstituição dos momentos de abusos sofridos, como se as personagens estivessem relembando, da encenação do que elas falam e da presença de desenho que mostra uma das personagens no futuro, em profissão que deseja seguir.

A investigação das atitudes tomadas para combater a exploração de mulheres é o assunto trabalhado no terceiro capítulo e, por isso, também estruturado a partir de depoimentos de autoridades. A história, neste caso, tem como fio condutor três depoimentos de integrantes dos principais órgãos dedicados à área: a Delegacia de Combate à Exploração da Criança e do Adolescente, a 12ª Vara Criminal e o Conselho Tutelar.

No quarto capítulo, saímos um pouco do universo do Ceará, para saber da exploração sexual de mulheres em todo o país. Em primeiro lugar a equipe de reportagem tenta montar um perfil de quem seriam estas mulheres a partir da referência a estudos e dados que se baseiam em pesquisas de órgãos com conhecimento na área. Após a constituição desse perfil, a reportagem segue com entrevista a integrantes de instâncias da Justiça, federal e estadual.

A última parte traz o trabalho investigativo dentro do mundo da exploração sexual com visita da equipe a casas de prostituição de mulheres em Pecém, no Ceará. A repórter consegue entrevistar a dona de três desses espaços, que fala sobre os clientes, o serviço, a chegada das moças, o esquema de rotatividade delas entre as duas casas e a Copa do Mundo. Andrea Dip ouve também as mulheres exploradas e conversa com fundador de ONG que cuida de crianças e adolescentes em Aracati.



Sintetizando o conteúdo

No primeiro capítulo, é feito um resumo do que deveria ser feito para denunciar a exploração sexual. A disposição das regras em tábuas de madeira no desenho ajuda a promover quebras criando, portanto, um texto mais leve. O recurso poderia, no entanto, ser utilizado também no jornal impresso através de uma arte.



Figura 31: Detalhe do quadrinho que traz placas para sintetizar o passo a passo das

Outra forma de sintetizar informações apresentando-as de maneira mais clara ao leitor, facilitando por isso seu entendimento, é a utilização de caixas de texto nos quadrinhos, como é feito no capítulo quatro, em que, para traçar um perfil das mulheres, que costumam ser vítimas mais recorrentes da exploração, estudos e números são resumidos e fragmentados em espaços de destaque.



Figura 32: Quadrinho com caixas de texto que resumem dados sobre o perfil das mulheres

Equipe nas cenas

Além de trabalhar o assunto da exploração sexual, a grande reportagem se propõe também a incluir detalhes da produção no texto. É assim que o primeiro capítulo e o último, ambos estruturados a partir de depoimentos intercalados, contam também com a presença da repórter na cena, escutando o entrevistado falar. Não estão presentes perguntas da repórter nesses casos, ela atua na narrativa apenas como ouvinte, nos momentos em que é desenhada.



Figura 33: Quadrinho exemplificatório do primeiro capítulo: Nome da personagem e função no topo em caixa; repórter como observadora



Figura 34: Um dos quadrinhos que traz depoimentos de personagens. Balão de fala ocupa a sarjeta

Outras formas de inserção da repórter em cena são as ilustrações dela realizando perguntas e não só observando, caso do prólogo em que é mostrada a entrevista que deu origem à ideia da grande reportagem, e a ação dela em outro momento da produção da pauta, como no terceiro quadrinho, com a enumeração de suas tentativas para conseguir contato com fonte que daria estatísticas da exploração sexual no estado. Ao todo, seis quadrinhos divididos em três lado a lado são utilizados para este fim.



Figura 35: Quadrinho inicial traz explicação de como surgiu a ideia para a grande reportagem



Figura 36: Quadrinhos que apresentam bastidores da reportagem no terceiro capítulo

Há também o caso em que a repórter não é desenhada, mas opina, o que pode ser considerado uma presença dela na narrativa, que deixa de ser baseada apenas em relatos. Um exemplo é um quadrinho do último capítulo. Depois de conhecerem a cidade de Aracati, onde a exploração sexual se mostra de forma mais explícita, a repórter comenta que a situação é “a mais triste” entre as observadas.



Figura 37: Quadro que marca o encerramento da apuração traz cena da cidade e caixa de texto com relato da repórter

Apesar da proposta, é preciso ressaltar ainda que há momentos em que, diferente do falado por Andrea Dip, o leitor não “descobre junto” o desenrolar do trabalho da equipe. No primeiro capítulo é citado que o quadrinista De Maio esteve em uma boate em Fortaleza, principal ponto de encontro entre brasileiras e estrangeiros, o que é feito em cenas que excluem a presença do autor. De início são dadas as impressões pessoais do quadrinista e a explicação sobre o lugar, a partir do uso de caixas de texto na cor padrão escolhida para essa função ao longo de toda a narrativa, bege. São então apresentados os acontecimentos que se desenrolam na noite, sem De Maio aparecer.



Figura 38: Um dos quadrinhos em que aparecem cenas vistas em boate, sem identificação do repórter

Mesmo nos casos em que a repórter é desenhada, como mostrado, é preciso fazer a ressalva de que o quadrinista não aparece, o que permite afirmar que sempre algo do making of é apagado.

Personagens em cena

Um último ponto interessante de ser mostrado é o observado no segundo capítulo, que traz relatos de meninas que sofreram abuso sexual. Neste caso é possível perceber o benefício da escolha do formato dos quadrinhos para a grande reportagem já que, para serem preservadas, as personagens escolhidas foram desenhadas com feições diferentes das reais além de receberem outros nomes, o que é explicado no capítulo. Esta é, portanto, uma diferença marcante entre a reportagem tradicional e a desenhada, uma vez que, no primeiro caso, a ilustração se daria a partir de fotos que teriam de ser desfocadas ou borradas.

Ao longo do capítulo vão sendo apresentadas em caixas de cor verde falas de psicóloga que dialogam com o que é apresentado. É possível destacar ainda a presença de diferentes planos na reportagem, como se o quadrinista observasse de diferentes ângulos, ora com planos mais abertos, aparecendo todo o rosto da personagem, ora com planos detalhe, focando somente o olho, por exemplo. O recurso se assemelha à técnica empregada em televisão.



Figura 39: Quadrinho com reconstituição de cena do abuso sofrido por personagem



Figura 40: Exemplo do plano detalhe com foco no olho da personagem e caixa com depoimento

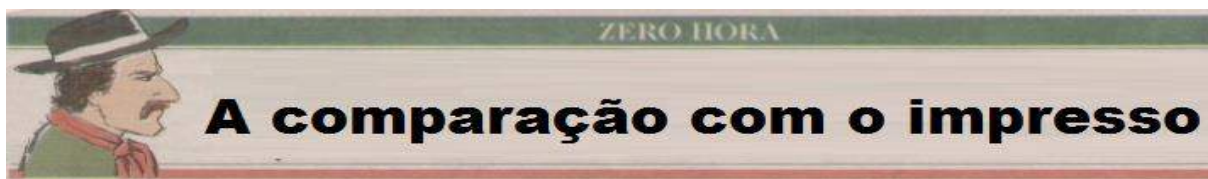
Making Of (RELATOS PESSOAIS)

A aba Making Of, diferente das demais, é em forma de texto. Sem imagens, a repórter Andrea Dip conta como foi a experiência; traz detalhes não expostos na reportagem, como a ideia de fazer a história em quadrinhos; traz número de personagens ouvidos; além de listar todas as instituições ouvidas e os lugares visitados.

4.4- Brasil de Bombachas



Foram 16 mil quilômetros ao longo de um mês para rever um velho conhecido. Um país de botas, lenço no pescoço e chimarrão na mão: o Brasil de Bombachas. Esse foi o nome escolhido para a reportagem de Carlos Wagner publicada em formato de série no jornal de Porto Alegre *Zero Hora*, em 1995. Na época, ele e a equipe andaram mais de 30 mil quilômetros entre dez estados para reconstituir os passos dados por colonos gaúchos que migraram para o Norte em busca de melhores condições de sobrevivência. Se nessa primeira reportagem Carlos Wagner tenta conhecer esse Brasil inexplorado até então, anos depois ele vai atrás da nova geração de migrantes para saber o que mudou. Em 2011, no entanto, a grande reportagem é publicada também na web.



Na obra *Repórteres*, organizada por Audálio Dantas (2004), Carlos Wagner relata a experiência da primeira reportagem, em 1995. Ele começou a apuração querendo mostrar como os colonos não seriam heróis, já que, em suas travessias, derrubaram florestas para plantar soja e construir 1.500 Centros de Tradição Gaúcha, subjugaram e mataram índios. A impressão inicial, no entanto, se relativizaria diante da constatação de que aquelas pessoas também eram excluídas. Esses relatos formaram uma coletânea de histórias, sobre a qual a reportagem se estrutura.

O clímax da novela no impresso seria a história cujo título é *Cobra sucuri é símbolo dos perigos da Amazônia*, que conta a perda de medo em relação ao animal. Carlos Wagner constituiria a narrativa, assim, a partir de duas fases desses migrantes: a da inocência quando eles se aventuravam em bando na floresta desconhecida em busca de uma vida melhor, e a da colonização financiada pelo governo como forma de demarcar as fronteiras do país, em que, com máquinas e armas, eles já não tinham mais medo da sucuri, a comiam.



Figura 41: Jornal de 1995 com matéria sobre sucuri

Dezesseis anos depois o medo já não faria mais parte das novas gerações, nem o jornal seria o mesmo, como explica Carlos Wagner¹⁰ ao apontar os motivos para em 2011 escolher o suporte *online* além do impresso.

Contei a história de duas gerações, uma de papel, outra *online*. Se eu só fizesse papel agora ficaria incompleto. Além disso, o jornal começou a apostar na tecnologia e pudemos perceber os benefícios. Por exemplo, da primeira vez, com a reportagem pronta, tive que mandar para os lugares mais longes o jornal para as fontes lerem. Dessa vez não e os leitores ainda interagem ao longo do roteiro pelo blog, o que foi ajudando também a criarmos um caminho para prosseguir na viagem. Tivemos 140 mil acessos em 30 dias de reportagem, o que surpreendeu (WAGNER, entrevista à autora)

¹⁰ Para melhor entendimento do processo de elaboração da reportagem e sua publicação nas duas plataformas, foi realizada entrevista com Carlos Wagner por telefone no dia 22/11/2014

O Brasil de Bombachas também seria tema de um programa especial na televisão de 20 minutos de duração na RBSTV e outros dez menores de dois minutos, todos tendo como conteúdo a importância das cidades e lavouras construídas pelos gaúchos para a consolidação das fronteiras agrícolas. Contou também com bate-papo de Carlos Wagner com ouvintes na Rádio Rural AM comparando as duas expedições. A nova expedição ainda virou livro publicado pela Editora Rimoli Associado e foi tema de mostra fotográfica. “Em cada plataforma pude usar um ângulo diferente, porque as pessoas têm diferentes visões das diferentes plataformas”, explicou Wagner.

Apesar dessa afirmação, no entanto, a reportagem no site não foi inteiramente pensada para esse meio. As páginas do jornal são reproduzidas no *online* da mesma forma ou com apenas a divisão do conteúdo. É o caso de *Incerteza na fronteira*, que no papel conta no mesmo espaço histórias de três personagens. As matérias idênticas são também apresentadas no *online*, mas cada uma é abrigada em uma aba do site.



Figura 42: À esquerda página do impresso de 2011 e à direita reprodução de mesma matéria em aba separada no online

A equipe inovou em certos recursos à parte como no uso de mapa interativo com galeria de fotos dos leitores, mas nas matérias não investiu na utilização de vídeos, por exemplo. O jornalista fala, no entanto, que hoje teria pensado em recursos como esses para a plataforma, já que “em três anos a web progrediu muito e poderíamos aproveitar ainda mais materiais”, acrescentou Wagner na entrevista.

A segunda versão *online* do *Brasil de Bombachas* se estrutura com abas fixas presentes em forma de menu no topo da página (em vermelho na Figura 43) que abordam diferentes subtemas dentro da migração gaúcha. Assim são desenvolvidos os tópicos: *Nova geração*, em que se conta a história dos descendentes dos primeiros migrantes; *Muito além da soja*, que trata da chegada das agroindústrias nas cidades criadas pelos gaúchos; *Para onde*

crescer, que fala das formas de aumento da produção; *Incerteza na fronteira*, que aborda as dificuldades passadas pelos gaúchos com a pressão de governos de outros países para onde migraram; e *O gaúcho se mistura*, que fecha a série focando na miscigenação depois do encontro com outros povos.

Dentro de cada uma das abas de subtemas encontra-se, em barra lateral, as matérias referentes a eles (em laranja na Figura 43), com a primeira sempre trazendo a explicação do subtema. Ao final do texto o leitor pode voltar à matéria anterior ou prosseguir para a seguinte a partir de botões.

A página possui ainda cinco outras abas que trazem um pouco dos bastidores da grande reportagem e possibilitam a interação com os internautas (em verde na Figura 43) Há também ícone lateral de chamada para a galeria de fotos, outro para o blog *Brasil de Bombachas*, além de links para as redes sociais (em azul na Figura 43)

BRASIL DE BOMBACHAS

O repórter Carlos Wagner e o fotógrafo Mauro Vieira viajam pelo Brasil e por países vizinhos para contar o legado dos colonizadores gaúchos

Nova Geração Viagem Origem Equipe Galeria de Fotos

27/5/2011 **A NOVA GERAÇÃO** 3/6/2011 **MUITO ALÉM DA SOJA** 10/6/2011 **PARA ONDE CRESCER** 17/6/2011 **INCERTEZA NA FRONTEIRA** 24/6/2011 **O GAÚCHO SE MISTURA**

A NOVA GERAÇÃO

O Brasil de Bombachas está em transformação. Os pioneiros que deixaram o Rio Grande do Sul na pobreza para se tornarem fazendeiros estão deixando os negócios para filhos e netos, a soja passou a conviver com outras culturas e formas de dinheiro, o tererê avança sobre o território do chimarrão e os Centros de Tradições Gauchescas atraem cada vez mais gente, de origem riograndense ou não. Após 16 anos, Zero Hora voltou à estrada, novamente com o patrocínio da New Holland, para ver como está a nação que os gaúchos criaram fora dos limites do Rio Grande do Sul.

O traçado deste país imaginário, erguido a partir da década de 70 e revelado em uma série de reportagens de 1995, inicia-se no Uruguai, passa pela Argentina, entra no Paraguai, estendendo-se pelos Estados brasileiros do Oeste, do Centro-Oeste, do Sul, em parte do Nordeste e termina nas barrancas do Rio Madeira, no Amazonas. Para revisitar o Brasil de Bombachas (nome dado em referência à principal indumentária do homem do Sul), Zero Hora usou 30 dias, trilhou 16 mil quilômetros de estradas, avenidas, ruas, picadas e pinguelas e nove Estados. Um lugar onde, se não houvesse diferentes fusos horários, vários tipos de clima e placas delimitando divisas e fronteiras, ficaria difícil saber tratar-se de uma área fora dos limites geográficos do Rio Grande do Sul, tal é a presença da marca do gaúcho encontrada na comida, na música, no nome das ruas, nas palavrões usadas nas conversas e na obsessão pelo trabalho.

Nos últimos 16 anos, na convivência com os moradores das regiões povoadas, o modo de vida dos gaúchos não se isolou. Muito pelo contrário. Semou-se às outras culturas e está sendo enriquecido. É uma realidade que se consolida. Nos anos 90, existia um demarcador bem nítido: gaúcho tomava chimarrão, e os paraguaios e os mato-grossenses, tererê (mate gelado). Ajudado pelo clima quente, o tererê divide espaço com o chimarrão na casa dos gaúchos. E já avança rumo ao Rio Uruguai, que divide o norte do Estado com o oeste catarinense. - Cedo da manhã e à noite, quando o clima é mais fresco, nos tomamos chimarrão. No resto do dia, tererê - observou João Erneltino de Mello, um sementeiro de centros de tradições gaúchas (CTGs), que migrou para o Mato Grosso do Sul. Já lá, aumentou o número de CTGs fora do Rio Grande do Sul. Eram 1,5 mil, e hoje são 1,7 mil, sendo 12 no Exterior. Há pelo menos 3 milhões de pessoas associadas. Muitos dos sócios sequer filhos de gaúchos são. A foto da família também está mudando. Até pouco tempo, a maioria dos casamentos acontecia entre gaúchos e gaúchas. - Hoje, estão se misturando. Mas o índio tem que ir no CTG para ganhar a mão da guria - brinca João Rohleder, um missioneiro que migrou nos 70 para Humaitá (MS). A saudade que antes era um peso para quem migrava hoje é compensada pela facilidade nas comunicações e no transporte.

Sucessão é debatida no Brasil de Bombachas

Mas há um setor na vida desses migrantes que não mudou: o modo de trabalhar. Igual aos seus parentes no Rio Grande do Sul, eles continuam plantando soja, que, por ser um grão de larga utilização industrial, é consumido ao redor do mundo. A economia avançou. A promessa da diversificação da produção, que era um sonho nos anos 90, hoje é uma realidade. Ela trouxe as agroindústrias para regiões onde, até uma década, jamais se poderia imaginar ver uma chaminé de fábrica contrastando com a Floresta Amazônica. Hoje há dezenas delas espalhadas por Lucas do Rio Verde (MT). Um fato interessante. Como a maioria dos municípios no Brasil de Bombachas foi fundada e desenvolvida pelos sulistas, eles estão investindo os seus lucros nesses lugares. O que acaba resultando em melhorias bem acentuadas na qualidade de vida das comunidades. Esse novo rumo dos negócios resultou em uma situação complexa na administração dos bens. Já não basta apenas saber plantar. Hoje, é necessário entender de investir os lucros. Essa tarefa está sendo passada para a nova geração. A sucessão é o assunto do momento no Brasil de Bombachas.

Textos: Carlos Wagner
carlos.wagner@zerohora.com.br

Fotos: Mauro Vieira
mauro.vieira@zerohora.com.br

Em site especial, envie sua foto e faça parte do mapa.

Veja também o blog do Brasil de Bombachas

Próximo:
O desafio da sucessão

Figura 43: Home da página do *Brasil de Bombachas* com destaques para abas horizontais, aba vertical, links para outras páginas e botão para próxima matéria



Além da interatividade e da personalização criada com as abas, que permitem uma leitura individualizada do leitor, os recursos apresentados na grande reportagem são a infografia e a galeria de fotos. As páginas contam sempre com depoimentos de especialistas se misturando com os de migrantes, além da presença de uma ou duas imagens, na maior parte das vezes, que trazem personagem citado na matéria ou cena ilustrativa do que é retratado. Duas reportagens – *O idioma no país de Bombachas* e *Os casos de amor dos Giacomini* – não possuem fotos e em *O desafio da sucessão* a imagem parece ter sido inserida erroneamente. Ela não tem ligação com o texto. Os personagens que estão na imagem, na verdade, só são citados na quarta matéria do subtema, *Atenção aos netos*.

O DESAFIO DA SUCESSÃO

Boa parte dos grandes grupos de empresas ligadas ao agronegócio surgiu há pouco mais de duas décadas no Brasil de Bombachas. Elas têm em comum o fato de terem sido fundadas por agricultores, muitos deles pobres, que migraram do Rio Grande do Sul. E que, por suas qualidades pessoais, como o domínio das técnicas agrícolas e algum conhecimento rude de comércio, conseguiram sobreviver e prosperar. - Eram tempos em que audácia era a ferramenta principal para o sucesso - recorda Vinicius Paiva da Silva, consultor rural, em Vilhena (RO). Silva é gaúcho e assessora a sucessão dos negócios em vários grupos empresariais formados por famílias sulistas, ligados à industrialização e ao plantio da soja em Rondônia. Em muitos casos, recorda, é a segunda geração que está tomando as rédeas dos negócios. Ele diz que os grandes bancos estão atentos a esse processo. - O interesse bancário é o de preservar o seu cliente, porque muitos deles, além de movimentarem grandes somas de dinheiro, consideram que têm uma dívida de gratidão com o banco que os ajudou em momentos difíceis - ilustra Silva.



Nilson está preparando o filho Márcio Schiefelbein, 18 anos, para assumir negócios que começaram com o avô Ronaldo

ATENÇÃO AOS NETOS

Durante anos, José Bortolo Pizzatto, 73 anos, cuidou com zelo da educação do filho Dênis. A intenção era de que ele tocasse os negócios da família, que é proprietária de hotel, lavouras de soja e cede ana-de-açúcar, terras e outros negócios na região de Navirai (MS). Todos os negócios progrediram a duras penas, em anos de trabalho que se iniciaram na década de 60, quando Pizzatto migrou do Rio Grande do Sul para Mato Grosso do Sul, que pertencia a Mato Grosso e se resumia a uma vasta e solitária planície. Formado em Administração e professor universitário, Dênis morreu aos 28 anos, em 1993, em um acidente automobilístico. A filha Dileusa, fonoaudióloga, é quem está tocando os negócios. Ela tem plena confiança que terá sucesso em sua tarefa. Nos dias atuais, o pensamento dele sobre a sucessão nos negócios tem uma lógica diferente da exercida pela grande maioria. Ele explica: - O meu medo não são os filhos, porque eles assistiram a todo o sacrifício dos pais para vencer na vida. Portanto, sabem trabalhar. Tenho receio que os netos não consigam ter sucesso, porque não testemunharam os tempos do "cobertor curto".



Figura 44: Parte das páginas das matérias *O desafio da atenção* e *Atenção aos netos*. Na imagem contornada em amarelo o texto não citou os personagens, diferentemente na destacada em verde

Assim como as fotos, a infografia é recorrente na reportagem e ajuda o público a visualizar melhor o conteúdo que é passado. É preciso ressaltar, no entanto, que esse é um recurso usado amplamente pelo jornal impresso.

Aviários no horizonte da aba *Muito além da soja* é uma das matérias que utilizam o infográfico. É apresentado um mapa da diversificação da produção pelos gaúchos com a demarcação de quais estados possuem quais negócios entre plantação de cana, fruta, milho, arroz, trigo, soja, corte, leite, frango, suíno, madeira e agroindústria. O infográfico traz setas que partem do Rio Grande do Sul para as outras localidades apontando os destinos das produções. Ícones de cada plantação são apresentados ao final do mapa e em tamanho menor nas regiões em que são predominantes, permitindo ao internauta estabelecer link imediato com o que é explicado.

O mapa da diversificação



Figura 45: Infografia: Mapa mostra o escoamento de diferentes produtos do Rio Grande do Sul para o Brasil

Um exemplo de infográfico mal empregado é o que ilustra a última matéria da aba *A migração não para*. A página traz mapa e gráfico referente à Primavera do Sul, região considerada próspera. Apesar de facilitar a percepção visual, neste caso, o infográfico não deixa claro a que propriamente se referem os números. Como esclareceu Wagner, eles se referem à quantidade de prestadores de serviços que migraram para a cidade, mas sem essa informação explícita no gráfico o internauta pode se confundir e pensar que seria da produção de algo, ou da soma das atividades diferentes da produção de soja.

O mapa da diversificação



Fonte: IBGE

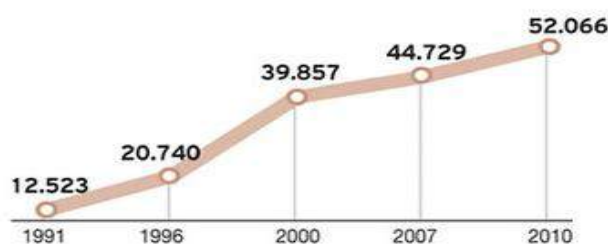


Figura 46: Infografia: Mapa e gráfico em linha com diversificação de produtos em Primavera do Leste



Quatro outras abas são criadas para mostrar um pouco do trabalho por trás da grande reportagem: *Viagem*, *Origem*, *Equipe* e *Galeria de Fotos*. A barra *Nova Geração* é a home do site, clicando nela volta-se à página inicial. Todas as páginas desta seção são ilustradas com João Rohleder, o personagem que virou símbolo do *Brasil de Bombanchas* em 1995. O diferencial desta parte é a interatividade proporcionada ao internauta. O *Zero Hora* sabe, neste momento, aproveitar de maneira melhor os recursos que a web agrega à reportagem e estimula o público a se interessar e fazer parte do projeto.

Em *Viagem*, o leitor é convidado a conhecer cada passo dado pela equipe dentro e fora do Brasil. A aba é constituída de um mapa com pontos visitados na reportagem e o trajeto realizado desde a partida. Uma seta aponta a possibilidade do internauta clicar nos pontos desenhados para conhecer mais um pouco cada um deles e, ao fazer isso, ele é direcionado para o blog do *Brasil de Bombachas*. Outra ação criada por Carlos Wagner e Mauro Vieira, o blog da reportagem é um diário de bordo em que o repórter conta, em primeira pessoa, o que aconteceu em cada parada. A mídia também traz histórias que não foram para o site, o que permite o aproveitamento de maior número de relatos ouvidos. O blog apresenta ainda alguns vídeos, além das imagens.

Se o leitor clicar em Goiás no mapa, por exemplo, será encaminhado à página do blog em que são listados os relatos produzidos enquanto a equipe estava naquele estado. Tags são responsáveis pela organização desta parte já que servem como etiquetas e agrupam o mesmo assunto, reunindo conteúdos. Os posts são ordenados segundo a data de publicação. Hiperlinks dialogam ainda com outras ações desenvolvidas para a grande reportagem, como envio de foto para construção de galeria. Um deles, no entanto, apresenta problemas. A foto

do mapa no blog (ema amarelo), que deveria ser um ícone de retorno para o mapa do site, o encaminha para a matéria *O Gaúcho se mistura*.



Figura 47: Aba *Viagem* e caminho que o internauta faz ao clicar em um ponto do mapa. A seta vermelha indica a página do blog aberta. Em vermelho, destaques da página (Posts com tag “goiás”; Envie sua foto e faça parte do mapa; Participe por meio do Facebook) e em amarelo link com problemas

A aba *Origem* reúne a história da série. É feita uma retomada da primeira experiência, em 1995, e é disponibilizada a grande reportagem da época. As capas dos sete cadernos que constituíram o trabalho são apresentadas desordenadamente. Clicando nelas ou na lista numerada ao lado, o internauta é levado para o Facebook. Na rede social aparece a imagem da

capa do caderno e, na legenda, o leitor é convidado a conhecer todas as matérias daquele dia no site scribd.



Figura 48: Aba *Origem* e caminho que o internauta faz ao clicar no jornal em miniatura ou no link numerado.

Equipe é a aba de bastidores sem recursos diferentes do impresso. Ela consiste em duas fotos que ilustram os três envolvidos na grande reportagem impressa e na grande reportagem *online*, com a imagem da equipe atual em evidência.

Por fim, a *Galeria de fotos*, é a contribuição do público para a grande reportagem. Esta é uma aba construída com a participação dos internautas. O gaúcho que mora em qualquer parte do país deve clicar no botão *Envie sua foto e participe!* Quando a foto é mandada passa a fazer parte de um banco de imagens cujas miniaturas vão sendo colocadas uma ao lado da outra. Ao clicar em um estado do mapa a maioria das fotos fica escurecida, e algumas são iluminadas. Assim descobre-se quem está morando em que lugar.

Como última aba da página, ao final da *Galeria de Fotos* há quatro botões: um para retornar ao site, outro para ir para o blog, um terceiro para conhecer o Facebook do projeto e o quarto o mesmo, mas para o Twitter.



Figura 49: Galeria de fotos e detalhes em vermelho: botão para o internauta enviar a foto, botões para a interação nas redes sociais e foto em miniatura que passa a compor um banco de imagens depois do envio



Figura 50: No exemplo, selecionando o Rio de Janeiro, a cor dele no mapa muda para branco e à direita as fotos de migrantes no Rio ficam destacadas das demais por contorno branco e iluminação

4.5- O Nascimento de Joicy



Reportagem ganhadora do Prêmio Esso de 2011, na categoria regional, *O Nascimento de Joicy* é o resultado do trabalho de cinco meses da repórter Fabiana Moraes, dos designers gráficos Andrea Aguiar e Cláudio França e dos fotógrafos Rodrigo Lôbo e Hélia Scheppa. Durante esse período eles acompanharam a luta de João Batista, 51 anos, morador de Alagoinha, Recife, para se transformar em Joicy Melo da Silva. A história da transexual pobre que lutou durante sete anos para conseguir operação de mudança de sexo pelo serviço público de saúde foi publicada no *Jornal do Commercio*, do Recife, nos dias 10, 11 e 12 de abril e teve versão on-line disponibilizada simultaneamente. Já no dia 11, o jornal atestaria o sucesso de público, com mais de cinco mil visualizações no site e milhares de acessos através do Facebook e do Twitter.

O alcance possibilitado pela internet foi o objetivo buscado com a publicação da reportagem no formato *online*. A própria Fabiana¹¹ relata em entrevista concedida para este trabalho que não houve, no entanto, possibilidade de se pensar a reportagem para a web, o que resultou no uso do meio como reprodução do impresso, com a diferença de no site vídeos serem disponibilizados, assim como galeria de fotos. Podemos falar assim em uma transposição de conteúdo.

Acho que a plataforma *online* é um caminho natural para reportagens de maior fôlego, mas ainda estávamos com poucos recursos para explorar esse caminho em sua potência. Não conseguimos armar algo mais específico para a internet – falta de tempo, de expertise. A importância maior do suporte naquele momento era a facilidade de circulação. Isso ficou claro quando vimos que a matéria *online* teve enorme índice de leitura no Rio de Janeiro, São Paulo e Fortaleza (Moraes, entrevista à autora)

Se fosse pensada só para o *online* e com mais tempo, “nosso bem mais raro atualmente, e por isso tão disputado”, Fabiana Moraes afirma que teria investido em outras ações, ampliando a utilização do leque de oportunidades do meio. Ela conta que teria consolidado a ideia inicial de fazer um minidocumentário, mas em vez de usá-lo para a TV o teria estruturado hoje na internet. “Também teria uma interação com redes sociais. O site foi intensamente compartilhado e discutido através do Facebook e Twitter, mas isso foi provocado pelo ‘externo’ não algo que partiu de nós”. O “externo” a que se refere seria a ação

¹¹ Para melhor entendimento do processo de elaboração da reportagem e sua publicação nas duas plataformas, foi realizada entrevista com Fabiana Moraes por e-mail no dia 21/11/2014

vinda dos próprios internautas. Um novo conteúdo teria se juntado assim a novas estratégias, o que daria um resultado mais satisfatório em termos de estrutura.



A *Home* do site tem como capa foto de Joicy nua, tapando seu sexo com uma das mãos e um de seus seios com outra. A imagem é uma referência à famosa pintura *O Nascimento de Vênus* feita pelo italiano Sandro Botticelli. Na primeira matéria da série que compõe a grande reportagem a pintura aparece junto com a explicação de que a referência se dá pelo fato da deusa romana representar a feminilidade. A mudança de sexo, por derrubar paradigmas, discutiria os parâmetros do que seria essa feminilidade, permitindo a comparação de que, assim como Vênus emergiria das águas na forma de mulher adulta, Joicy nasceria também enquanto mulher. Na foto a personagem está na sua casa, cercada por desenhos, montagens que contribuem para a reprodução do quadro. Zéfiro, Vento Oeste que traz Vênus para a margem das águas e a deusa da primavera Hora aparecem como se envolvessem Joicy, que é colocada em cima de uma concha, como na pintura. A capa na matéria do papel tem a mesma arte.

A página é composta ainda de um menu vertical na lateral esquerda com as abas *Home*, *Apresentação*, *Parte 1*, *Parte 2*, *Parte 3*, *Galeria de Fotos* e *Galeria de Vídeos*. Esse menu é fixo, aparecendo, portanto, em todas as outras páginas. Clicando em uma das opções o internauta é levado até o local desejado ou é aberto novo menu no caso das Partes 1, 2 e 3. Na primeira parte o segundo menu abre seis opções de matéria e nas duas últimas cinco cada uma. Também fixo nas páginas está o link para expediente, onde são apresentados os nomes dos componentes da equipe. Ele fica sempre no canto inferior direito.





Figura 51: Acima, Home da grande reportagem com destaque para o menu lateral e o link para o expediente. Ao lado dela, capa da reportagem no jornal impresso. Em seguida, a pintura de Botticelli que inspirou a montagem na foto e o título do trabalho

A aba *Apresentação* traz em dois parágrafos um resumo de quem é Joicy e como o nascimento dela significaria a morte de João. Não há imagens, apenas texto, e a última frase traz uma das possibilidades de constatação de que a reportagem não foi construída inicialmente para a plataforma: “Sua história, acompanhada durante cinco meses, começa a ser contada hoje nesta reportagem especial, publicada até a próxima quarta-feira (13)”, diz a reportagem. Ilimitada em termos de tempo e espaço, a plataforma da web não expõe um conteúdo até determinada data, como no caso do jornal impresso, o que torna incoerente a afirmação para o tipo de veículo. Ao mesmo tempo, a série só foi até o dia 12 e não 13, como exposto.



A primeira parte da grande reportagem é composta por seis matérias, todas introdutórias ao tema, apresentando Joicy e sua história anterior à cirurgia, além da discussão em torno da operação de mudança de sexo. A transformação física de João em Joicy é o tema da segunda parte da grande reportagem, que acompanha todo o período da personagem no hospital. A aba se estrutura segundo cinco matérias. Essa também é a quantidade presente na terceira e última parte da grande reportagem. Ela trata dos acontecimentos que se seguem ao procedimento médico, como os problemas financeiros que Joicy passa a ter.



De maneira geral as matérias das três partes se estruturam a partir de texto e presença de fotografias. Três matérias da reportagem – *Entre as meninas era a única a não se chamar Maria*, *Lei impedia mudança de sexo da cabeleireira* e *Sem dinheiro* – além de não possuírem recurso específico da internet não apresentam imagens.

Na grande reportagem duas matérias possuem um formato diferente, mas também não exclusivo do meio. Tanto *O diálogo com a família*, na primeira parte, quanto *Joicy e o clitóris que não existe*, na segunda, são construídas a partir do discurso direto. O nome de quem tem a palavra é seguido por dois pontos e a fala. Assim se intercalam dizeres de Joicy, das irmãs Nenem e Dejanira e da sobrinha Luciana, na matéria de visita à família, e de Joicy e da médica na matéria que retrata a última consulta dela antes da cirurgia.

Quanto aos recursos empregados nas matérias que compõe a grande reportagem, temos o box, característico da mídia impressa, e a infografia, também presente no meio. Dois boxes são apresentados: o primeiro na matéria *Operação é polêmica na medicina e no congresso* tem como função pontuar a situação da cirurgia de redesignação sexual no serviço público a partir de números, levantar os hospitais que a realizam e trazer resumo sobre o Hospital das Clínicas. O box, no entanto, aparece como claramente sendo retirado da versão para o jornal impresso, graças à frase “leia matéria amanhã” que aparece entre parênteses, pelo mesmo motivo da delimitação de tempo presente na *Apresentação*.

↓ A redesignação sexual no serviço público brasileiro

➔ No País, apenas quatro hospitais estão habilitados a fazer a cirurgia através do SUS: Hospital de Clínicas de Porto Alegre (Universidade Federal do Rio Grande do Sul/RS); Hospital Universitário Pedro Ernesto (Universidade Estadual do Rio de Janeiro/RJ); Fundação Faculdade de Medicina/Instituto de Psiquiatria (SP) e Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás (GO).	➔ O HC, onde Joicy se operou (<u>leia matéria amanhã</u>), realiza o procedimento há dez anos, mas ainda não foi habilitado junto ao Ministério da Saúde. O órgão está aguardando que o HC se adeque às normas para que possa receber a permissão (faltam no local importantes tratamentos como a terapia hormonal, que visa induzir o aparecimento de caracteres sexuais compatíveis com a identificação do paciente).	➔ De acordo com a assessoria do HC, as cirurgias são realizadas para pacientes do SUS e são pagas pelo hospital (R\$ 1,3 mil pelo procedimento cirúrgico em si). O dinheiro vem do montante que o HC recebe do MS para procedimentos de alta complexidade. Dezesesseis homens realizaram a cirurgia para se transformar em mulheres. Atualmente, três mulheres estão em tratamento para mudar de sexo (retirada de útero, ovários e seios. A cirurgia é experimental).
---	---	--

Figura 52: Box da matéria que discute a cirurgia de mudança de sexo. Sublinhada em vermelho a expressão “leia matéria amanhã” dá a entender que pela temporalidade o recurso foi pensado para o impresso

O encerramento da grande reportagem também conta com um box, mas neste caso, de bastidores do trabalho de cinco meses. Em uma homenagem à personagem o texto afirma que a reportagem ainda não acabou porque a vida de Joicy continua, com ela enfrentando dificuldades de aceitação, e aponta, através de números e relatos, a relação de carinho

estabelecida entre a equipe e a transexual. Quatro fotos em tamanho pequeno lado a lado também mostram o trabalho por trás do produto pronto, com a equipe convivendo com Joicy.

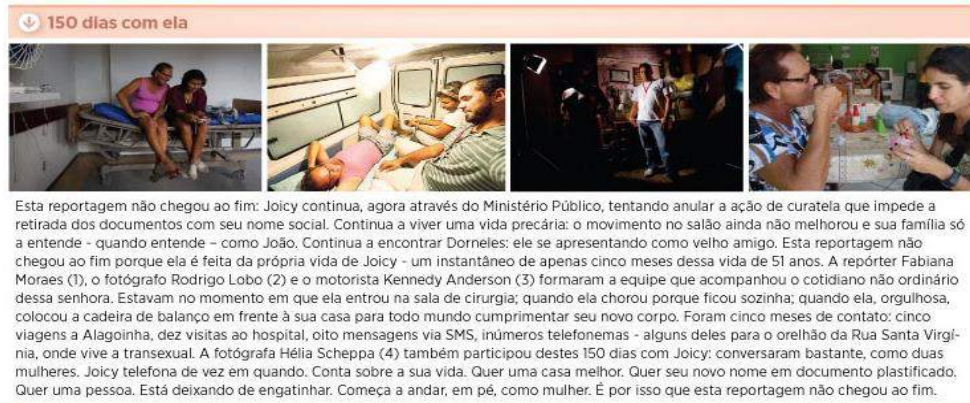


Figura 53: Box conta os bastidores da grande reportagem e traz fotos da equipe com a personagem

A infografia aparece na matéria *O difícil retorno da recém-nascida*, última da segunda parte. Desenhos esquemáticos acompanhados de números e legendas na lateral direita explicam o procedimento de mudança de sexo. Nem todos os passos são ilustrados. Os que são aparecem em outra cor e acompanham os respectivos desenhos. O recurso permite ao leitor entender de forma mais direta a cirurgia, que se explicada em forma de texto ao invés de tópicos poderia ser de entendimento mais difícil.

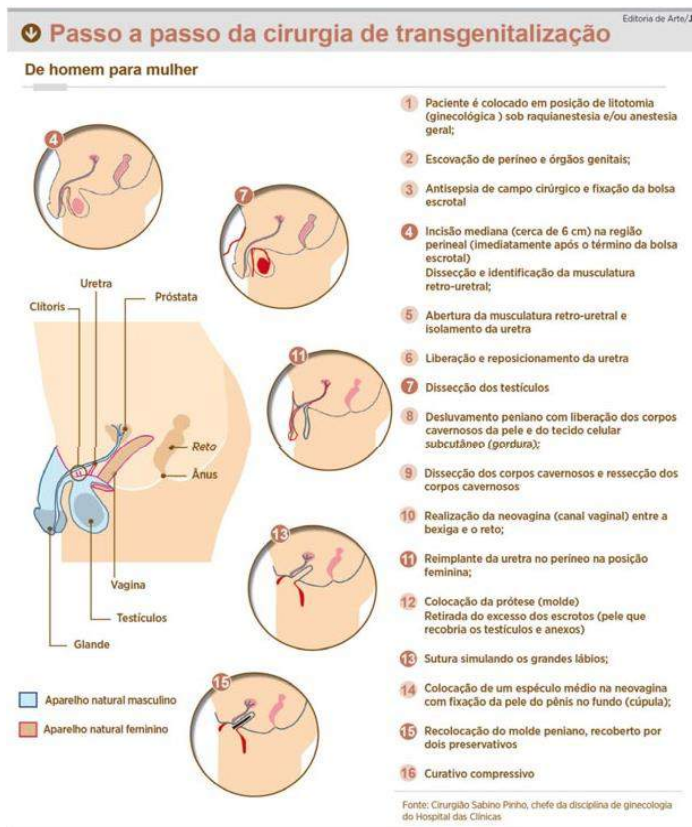


Figura 54: Arte explica o passo a passo da cirurgia de mudança de sexo. À direita o recurso utilizado também no impresso no penúltimo dia da série



Diante do que foi exposto é possível afirmar que o grande diferencial da reportagem em relação à sua versão impressa está nas *Galerias*. O dinamismo das fotogalerias, recurso específico da internet, se soma à apresentação de vídeos, todos relativamente curtos, fazendo com que a reportagem traga novas opções de aprofundamento e de atratividade.

A *Galeria de fotos* traz momentos da personagem antes da cirurgia; no hospital, durante a mudança; e depois com a volta dela para a cidade, seguindo, portanto, a mesma linha narrativa da parte textual. Cada uma das três galerias possui dez imagens e todas são constituídas a partir de apresentações de *slide show* temporizadas, no qual as fotos se sucedem progressivamente. Em todas as galerias, no entanto, esse recurso trava na sexta foto. Ao chegar nela, a reprodução automática para e recomeça da primeira imagem o que faz com que as fotos finais acabem não sendo mostradas. Se quiser vê-las, é necessário clicar na sétima imagem para então a reprodução continuar.

A página se estrutura segundo três tipos de janelas. Uma maior é a que se destina à visualização das imagens em reprodução automática. Logo abaixo dela, dez pequenas janelas, organizadas em duas fileiras de cinco, uma acima da outra, trazem em miniatura cada foto que é mostrada no *slide show*. Quando a imagem de uma dessas janelas menores aparece na apresentação, a miniatura escurece, tornado-se diferente das demais. Por fim, no pé da página, abaixo do intertítulo “Outras Galerias”, três janelas fixas funcionam como botões. Cada uma leva à exibição de uma das galerias.



Figura 55: Galeria de fotos: em janela maior Slide Show que passa as fotografias em miniatura logo abaixo sem acionamento de comando. Em “Outras galerias” três janelas fixas que trazem novas fotos

A aba *Galeria de Vídeos* é composta de sete deles, novamente um referente a cada momento vivido por Joicy. Quatro dos vídeos são anteriores ao procedimento médico. Os três seguintes se referem ao tempo de permanência no hospital durante o período pós-cirúrgico; a viagem de retorno para casa; e a vida depois da operação.

O tempo dos vídeos varia, grosso modo, entre dois e quatro minutos. As produções, no entanto, seguem a mesma estrutura: há sempre presença de legendas na cor branca, sob fundo preto ou sob a própria imagem. Elas aparecem no início do vídeo, resumindo do que se tratam aquelas imagens, e também durante a exibição, demarcando mudança de assunto ou de cena. Ao final de todos os vídeos as mesmas legendas aparecem para falar qual será o próximo vídeo, incentivando assim o internauta a continuar acompanhando a trama audiovisual. Ao clicar em cada vídeo, o escolhido sai da ordem em que estava e ganha um tamanho maior, se destacando na página.

Todos os vídeos mantêm um formato amador. São realizados cortes, mas eles são poucos, as imagens fluem. O vídeo que trata da explicação de Joicy para a mudança de sexo é um exemplo: ouve-se a repórter fazendo as perguntas. Joicy pede para levantar e limpar os óculos e a gravação prossegue ininterrupta até ela voltar ao lugar em que estava e responder olhando para a câmera. As imagens também não são muito trabalhadas. A câmera treme e o som ambiente é perceptível em todos os casos. A reportagem, porém, parece nesse caso pretender ser um registro em movimento das situações vividas reveladas em seu caráter informal.

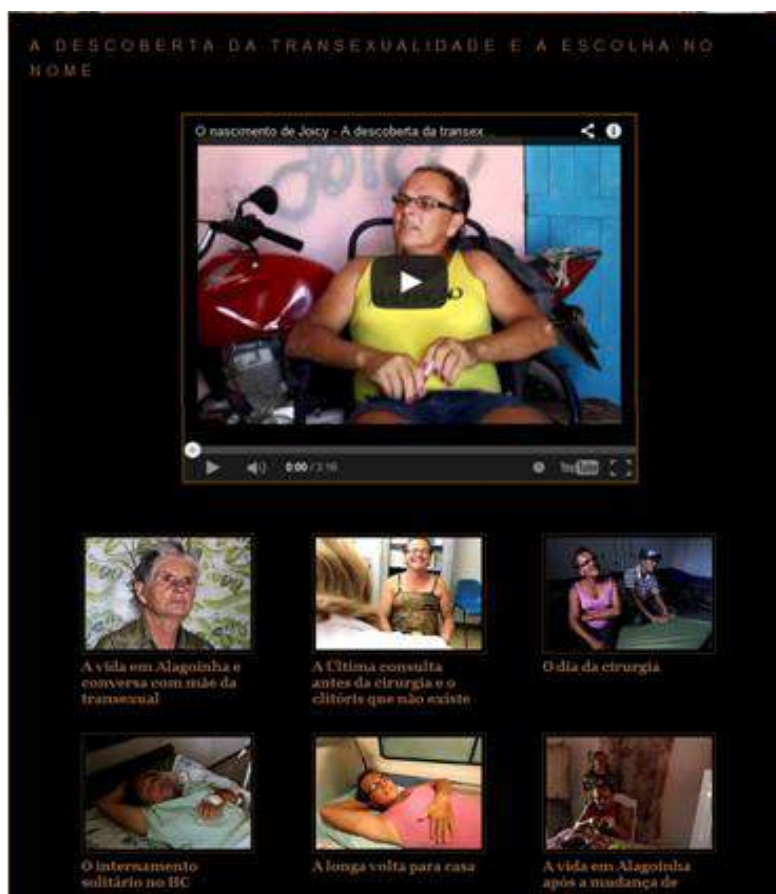


Figura 56: Galeria de vídeos: em janela maior vídeo que está sendo exibido e abaixo as seis outras opções que seguem uma ordem criando narrativa audiovisual

Considerações finais

No decorrer deste trabalho pudemos acompanhar o desenvolvimento da grande reportagem até chegar a sua fase atual. Primeiramente, enumeramos suas características, tratamos das formas de apuração e texto, abordando o jornalismo investigativo e o “novo jornalismo” até chegarmos a uma reconstituição histórica seguida da conclusão de que a partir dos anos 1980 o predomínio da reportagem social perde lugar para as que fiscalizam o poder, o que para autores como Ana Beatriz Magno é visto negativamente.

O que norteou esta pesquisa foi, no entanto, outro problema: o fato de a grande reportagem, que necessita antes de tudo de tempo para elaboração, ter de conviver com a velocidade, que embora remonte o próprio processo de construção do jornalismo enquanto atividade capitalista, vem sendo cada vez mais cobrada por conta da emergência do “tempo real” da internet, com a publicação de conteúdos que se levantam a bandeira de uma instantaneidade. Mas, a partir do estudo, pudemos perceber a multiplicidade da internet, que, como lembra Juliano Barros, tem espaço ilimitado, o que faz ser possível publicar desde mensagens telegráficas até textos longos com a utilização dos recursos adequados.

As respostas às outras perguntas lançadas no início da pesquisa também foram fornecidas ao longo das argumentações. Podemos concluir que a grande reportagem sobrevive tanto no jornal impresso quando nos demais meios com a mesma necessidade de apuração profunda, preocupação com os detalhes, imersão no tema retratado, mas que enquanto para o papel, nesse processo, a preocupação é apenas com texto e fotos, na internet outros recursos são aconselháveis como a produção de vídeos e a gravação de áudios, por exemplo. Depois de publicadas, as diferenças entre os dois meios passam a ser também relativas à organização das informações: pelo que foi possível ver pelos exemplos, enquanto no impresso uma página traz mais de uma história em um subtema dentro da reportagem, no *online* elas costumam ser divididas a partir de abas, recurso que permite que o texto não fique muito extenso, mas se utilize todo o material apurado.

A web traz ainda a possibilidade de mais pessoas terem acesso à reportagem, como foi visto no depoimento de Carlos Wagner um alcance maior do *Brasil de Bombachas* de 2011. O alcance maior é dado também a partir dos recursos da plataforma que aprimoram a informação veiculada e possibilitam maior interação com os leitores. Além de vídeos e áudios, a possibilidade de infográficos multimídias, o uso de links e botões para complementar o conteúdo, a interatividade em galerias com envio de material pelos internautas, ou com a presença de enquetes, a personalização com o leitor acessando um

conteúdo específico que o atrai, e a vantagem do armazenamento de dados, criando uma memória do assunto retratado, são algumas dessas potencialidades do suporte *online*, que enriquecem a reportagem quando usadas devidamente, comprovando, portanto, a nossa hipótese.

A análise das cinco reportagens, porém, mostrou que ainda há muito da plataforma *online* a ser explorado. De todas elas, apenas a da *Folha de S. Paulo* sobre os 50 anos do golpe foi pensada inteiramente para a internet. O conteúdo publicado no jornal de papel foi completamente diferente. A reportagem do jornal *O Globo* sobre a Ponte Rio-Niterói mostrou um meio-termo entre o observado na *Folha* e nos demais trabalhos. Apesar de ter saído no impresso e o conteúdo ser reproduzido no *online*, ele é ampliado e, permeando o texto, são usados vídeos e galerias de fotos.

No caso do *Brasil de Bombachas* e de *O Nascimento de Joicy* a semelhança com o impresso é maior. O mesmo texto é empregado nos dois suportes assim como as imagens, os infográficos e boxes. Nos dois casos somente em abas separadas os recursos da web são explorados, no primeiro com galeria de fotos interativa e mapa com botões e no segundo com galeria de imagens e outra de vídeos. *HQ: Meninas em Jogo*, por sua vez, foi a reportagem que menos aproveitou as potencialidades da internet, com utilização apenas de abas e da seção de comentários dos leitores. Apesar de o formato ser diferente e atrair os leitores, uma história em quadrinhos daquele tipo poderia ser reproduzida em papel.

De forma geral, todas as cinco reportagens evitaram uma utilização do hyperlink no corpo do próprio texto levando o internauta a outros sites ou páginas. Essa ausência, no entanto, poderia ser vista de certa forma como um amadurecimento em relação ao uso dos recursos do suporte. Utilizá-los com consciência para levar ao leitor um real enriquecimento do que trata a reportagem difere do uso indiscriminado de links apenas para mostrar ao internauta que a reportagem é estruturada para a web. Essa segunda atitude leva mais à dispersão do que ao aprofundamento. O argumento ressalta um importante adendo à conclusão deste trabalho: o de que quantidade não é sinônimo de qualidade. Nos casos analisados na pesquisa os recursos levaram a um aprofundamento, mas não se pode associar diretamente o uso de ferramentas da web com a profundidade. Uma galeria de fotos com imagens repetidas, por exemplo, ou uma matéria com vários depoimentos aproveitados na íntegra, mas nos quais os entrevistados não dizem nada de relevante, não levam ao enriquecimento da grande reportagem.

Levando em conta essa questão e o fato de a plataforma estar em constante renovação, com inclusão de novos recursos, novas tecnologias, podemos concluir que ainda há um longo percurso para a grande reportagem *online* receber todos os benefícios do meio. No entanto, no que depender das capacidades que a internet tem o gênero terá muito a ganhar nos próximos anos.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo: o jornalista e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ANDRADE, Fabio de Souza. **Os loureiros cortados ou a vida rascunhada na intimidade**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 26 de novembro 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2611200510.htm>> Acesso em: 13/09/2014

AZEVEDO, Carlos. **Cicatriz de reportagem**. São Paulo: Papagaio, 2007.

BALLMANN, Fábio. **A nona arte: história, estética e linguagem dos quadrinhos**. 2009. 184f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Sul, Tubarão, 2009. Disponível em: <http://aplicacoes.unisul.br/pergamum/pdf/100250_Fabio.pdf> Acesso em: 18/10/2014

BACCIN, Alciane N. e DANIEL, Priscila B. **A integração dos meios no especial multimídia “A Batalha de Belo Monte”**. Verso e Reverso, v. 29, nº 69. São Leopoldo: Unisinos, 2015, no prelo.

BARBOSA, Suzana (Org.) **Jornalismo digital de terceira geração**. Labcom. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2007.

BORGES, Juliano. **Webjornalismo: política e jornalismo em tempo real**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

BOTTREL, Fred; FREITAS, Conceição. A casa fala: histórias e presentes no recanto de Aldane Menegaz. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/01/27/interna_cidadesdf,346118/a-casa-fala-historias-e-presentes-no-recanto-de-aldane-menegaz.shtml> Acesso em: 15/11/2014

CASTILHO, Márcio de Souza. **O jornalismo na distensão política do regime militar e a autoconstrução do repórter como investigador policial. Uma análise das matérias vencedoras do Prêmio Esso**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/castilho-marcio-jornalismo-distensao-politica.pdf>> Acesso em: 10/06/2014

CIRNE, Moacy da Costa. **Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada**. Petrópolis: Vozes, 1975.

CUAIS, Priscilla B. Prestes B. **A grande reportagem: O jornalismo literário de Zuenir Ventura**. 2010. 74f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: < Acesso em: 7/03/2014

DANTAS, Audálio (Org.). **Repórteres**. 2ª edição. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

DANTAS, Audálio. **Tempo de reportagem**. São Paulo: Leya, 2012.

DINES, Alberto. **O papel do jornal: uma releitura**. 4ª edição. São Paulo: Summus, 1986.

DRAGO, Carolina Pontes de Sá. **Realidade e Piauí: um reencontro do jornalismo literário brasileiro**. 2012. 68f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://literaturaexpandida.files.wordpress.com/2011/09/monografia-jornalismo-carolina-drago.pdf>> Acesso em: 6/09/2014

FARO, J.S. Revista **Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira**. Canoas: Editora da ULBRA/ AGE, 1999.

FOLHA DE S. PAULO. Quarenta discos que fazem quarenta anos. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/infograficos/2013/08/19408-quarenta-discos-que-fazem-quarenta-anos.shtml>> Acesso em: 12/05/2014

FUSER, Igor. **A arte da reportagem**. São Paulo: Scritta, 1996.

HALOW, Summer. Versão impressa do New York Times deixará de circular eventualmente, admite editor. Disponível em: <<https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/versao-impressa-do-new-york-times-deixara-de-circular-eventualmente-admite-editor>> Acesso em: 14/11/2014

JORNALISMO DIGITAL.ORG. O nascimento de Joicy, sobre como João virou mulher. Acesso em: <<http://www.jornalismodigital.org/2011/04/14/o-nascimento-de-joicy-sobre-como-joao-virou-mulher/>> Acesso em: 5/11/2014

LEITE, Marcelo et al. A Batalha de Belo Monte. Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/index.html>> Acesso em: 22/09/2014

LIMA, Edvaldo Pereira. **New jornalismo x Jornalismo literário**. In: Jornalite – Portal de Jornalismo Literário no Brasil. Disponível em: <<http://www.qualquer.org/gonzo/monogonzo/monogonzo05.html>> Acesso em: 13/09/2014

LOBATO, Elvira. **Instinto de repórter**. São Paulo: Publifolha, 2005.

MAGNO, Ana Beatriz. **A agonia da reportagem. Das grandes aventuras da imprensa brasileira à crise dos mais fascinantes gêneros jornalísticos: uma análise das matérias vencedora do Prêmio Esso de Jornalismo**. 2006. 168f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1467> Acesso em: 10/04/2014

MELLO, Paulo Thiago de. Jornalismo de qualidade ainda é o segredo do negócio. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 maio 2014. Economia, p. 29.

MIELNICZUCK, Luciana. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. 2003. 242f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2003. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/12769270/Jornalismo-na-web-uma-contribuicao-para-o-estudo-do-formato-da-noticia-na-escrita-hipertextual>> Acesso em: 29/04/2014

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real: O fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

_____. O “novo ritmo da redação” de O Globo: a prioridade ao jornalismo digital e seus reflexos nas condições de trabalho e produção da notícia. **Revista Parágrafo**, São Paulo, v.2, n.2, pp.59-79, agosto/dez 2014

NUNES, Janaina de Oliveira. **Do impresso à hipermídia: reconfiguração do jornalismo na era da comunicação digital**. 2009. 125f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppgcom/files/2013/08/janainadeoliveiranunes.pdf>> Acesso em: 10/08/2014

OLIVEIRA, Ana Paula Silva; PASSOS, Mateus Yuri. Joe Sacco: Jornalismo literário em quadrinhos. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., Brasília, 6/9 set./2006. s. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29. 2006, Brasília. Anais. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006.

REED, John. **Dez dias que abalaram o mundo**. 7ª edição São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 1978.

RIZZATTI, Lucas. **João do Rio: o escritor da vida real. A apuração jornalística e o texto de reportagem em A alma encantadora das ruas**. 2009. 132f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22691/000740163.pdf?sequence=1>> Acesso em: 6/09/2014

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

TALESE, Gay. **Fama e anonimato**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

THE NEW YORK TIMES. One in one million. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/packages/html/nyregion/1-in-8-million/index.html?8qa&module=Search&mabReward=relbias%253Ar%252C%257B%2522%2522%253A%2522RI%253A12%2522%257D>> Acesso em: 15/08/2014

VASCONCELOS, Frederico. **Anatomia da reportagem**. São Paulo: Publifolha, 2007.

WARD, Joe et al. Ski Jumping. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/newsgraphics/2014/sochi-olympics/ski-jumping.html>> Acesso em: 12/05/2014

Reportagens analisadas

BALTHAZAR, Ricardo et al. O Golpe e a Ditadura Militar. Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar/>> Acesso em: 5/05/2014

DIP, Andrea. HQ: Meninas em Jogo Disponível em: <<http://apublica.org/2014/05/hq-meninas-em-jogo/>> Acesso em: 5/05/2014

MORAES, Fabiana. O Nascimento de Joicy. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/JC/especial/joicy/abertura.html>> Acesso em: 5/05/2014

OTÁVIO, Chico; GÓES, Bruno. Travessia. Ponte Rio-Niterói, 40 anos. Disponível em: <<http://infograficos.oglobo.globo.com/pais/ponte-rio-niteroi.html>> Acesso em: 5/05/2014

WAGNER, Carlos. Brasil de Bombachas. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/zerohora/swf/brasil_de_bombachas/ng_cad1_pt1.html> Acesso em: 5/05/2014



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE



INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

PARECER

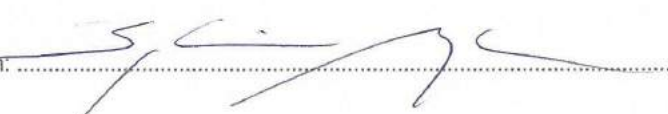
Aos dez dias do mês de **dezembro de 2014**, reuniu-se no Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense a Banca Examinadora designada para avaliar o Projeto Experimental de **Luiza Gould de Souza**, matrícula UFF **11130019**, habilitação Jornalismo, sob o título "**A sobrevivência da grande reportagem: o cenário contemporâneo e contribuições da plataforma online**".

Em sessão secreta, a Banca deliberou pela: (X) aprovação () reprovação do(a) aluno(a), com a nota 10,0 (dez).

A banca elogia a qualidade do texto e a estrutura da monografia, que dá uma grande contribuição para se pensar o jornalismo nessa fase de transição.

Niterói, 10 de dezembro de 2014

Orientador(a):

Sylvia Debossan Moretzsohn: 

Banca:

Carla Baiense Felix: Carla Baiense

Larissa de Moraes Ribeiro Mendes: Larissa

Ana Baumworcel: Ana Baumworcel